

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Comunicação Social – Habilitação Jornalismo

Rafael Jesus Gonçalves

Estudo sobre valores-notícia no suplemento *Sabático* do jornal *Estadão*

(São Paulo, 2013)

Porto Alegre

2013

RAFAEL JESUS GONÇALVES

Estudo sobre valores-notícia no suplemento *Sabático* do jornal *Estadão*

(São Paulo, 2013)

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientação: Prof. Me. Everton Cardoso

Co-orientação: Profa. Dra. Cida Golin

Porto Alegre

2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Cursos) intitulado **Estudo sobre valores-notícia no suplemento *Sabático* do jornal *Estadão* (São Paulo, 2013)**, de autoria de **Rafael Jesus Gonçalves**, estudante do curso de **Comunicação Social - Jornalismo**, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, 22 de novembro de 2013

Assinatura:

Nome completo do **orientador**: Everton Terres Cardoso

AGRADECIMENTOS

Num primeiro momento, agradeço a minha família por todo o apoio que me deram ao longo da minha vida e contribuíram para os meus valores e princípios de respeito, educação e dignidade com relação às outras pessoas.

A todos os professores que tive na Fabico e em outros campi e que colaboraram de alguma forma na minha trajetória acadêmica pela UFRGS.

Aos amigos que conheci durante os 5 anos de curso, muitas pessoas incríveis que já fazem parte da minha história, pessoas incríveis que tive o prazer de conviver e cujos os quais não desejo os laços afetivos se perderem com o tempo.

Aos meus orientadores Cida Golin e Everton Cardoso, que tiveram um preponderante para a conclusão deste trabalho, orientando, analisando e cobrando de uma forma positiva o aprimoramento do mesmo, corrigindo os rumos em meio às dificuldades que tive para chegar a este resultado final.

E a Fabico como um todo, pelos tempos passados de alegrias, sonhos, diversões e conhecimento, onde as grandes memórias e ensinamentos levarei para sempre comigo em minha estrada.

RESUMO

O Jornalismo cultural, nos seus princípios, faz a mediação entre as noções de cultura inseridas pelo Iluminismo e Romantismo com as normas de mercado e entretenimento trabalhados na atualidade. Nesse contexto, o Suplemento é uma das principais publicações responsável por reunir e defender o espaço da literatura e outras artes nos jornais. Nosso objeto de estudo escolhido é o Suplemento Sabático, do jornal O Estado de São Paulo, publicação que resgata muitos valores do jornalismo cultural e mantém os livros em lugar de destaque. Este trabalho tem como objetivo refletir a respeito dos principais valores-notícia utilizados pelo *Sabático* neste corpus de análise, a partir da problemática: quais são e como se manifestam os valores-notícia de seleção presentes nas matérias de capa das 10 últimas edições do suplemento *Sabático*? O método que escolhemos para a nossa pesquisa é o de análise de conteúdo, tanto quantitativa quanto qualitativa. A partir dessas análises, chegamos à conclusão de que a publicação é voltada para leitores de classes média/alta, com foco nos setores A e B, pois os assuntos que ele aborda são mais restritos às concepções mais canônicas de arte. Soma-se a isso a utilização de valores-notícia como notoriedade e personalização, focando os textos no indivíduo para atrair o leitor por meio de ligações estreitas entre o personagem e o público.

Palavras-chave: Jornalismo Impresso. Jornalismo Cultural. Estadão. O Estado de São Paulo. Sabático. Suplementos Culturais. Análise de conteúdo. Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 CULTURA, JORNALISMO CULTURAL E SUPLEMENTOS CULTURAIS.....	12
2.1 Cultura: Conceitos e abordagens.....	12
2.2 Definições de Jornalismo Cultural.....	15
2.3 Suplementos Literários.....	18
2.3.1 <i>Contexto histórico.....</i>	18
2.3.2 <i>Conceitos, origens e estrutura dos suplementos.....</i>	20
2.3.3 <i>Principais Suplementos nos anos 50 e 60.....</i>	21
2.3.4 <i>Atualidade dos Suplementos.....</i>	23
3 ESTADÃO, SABÁTICO E CULTURA: RELAÇÃO DE PROXIMIDADE. 28	28
3.1 Origens do Estadão.....	28
3.2 Suplemento Sabático.....	30
3.2.1 <i>Contexto da publicação.....</i>	30
3.2.2 <i>Características do Suplemento.....</i>	32
3.2.3 <i>Outras análises sobre o Sabático.....</i>	39
4 ANÁLISE DO SABÁTICO.....	41
4.1 Valores-notícia.....	41
4.2 Os valores-notícia no Sabático.....	43
4.2.1 <i>Matéria sobre Paulo Leminski.....</i>	44
4.2.2 <i>Matéria que trata sobre o futuro das bibliotecas.....</i>	46
4.2.3 <i>Entrevista com o escritor e tradutor Paul Auster.....</i>	48
4.2.4 <i>Matéria sobre livro-reportagem da realidade de Bombaim.....</i>	49
4.2.5 <i>Matéria sobre vida e obra de Paulo Mendes Campos.....</i>	51
4.2.6 <i>Entrevista com John B.Thompson sobre transformações no mercado editorial.....</i>	52
4.2.7 <i>Matéria a respeito de biógrafos e biografias.....</i>	53
4.2.8 <i>Entrevista com cientista Steven Pinker sobre o seu livro “Os Anjos bons da natureza.....</i>	54
4.2.9 <i>Matéria sobre os 90 anos de Lygia Fagundes Telles.....</i>	56
4.2.10 <i>Entrevista com Charles Cosac.....</i>	58
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60

REFERÊNCIAS.....	63
ANEXOS.....	65

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo cultural, dentro de sua especialidade, se coloca como um mediador entre o seu público de destino e os produtores e distribuidores de artes, sejam elas literatura, pintura, música, etc. Com isso, acaba tendo uma função de filtro para selecionar os fatos que possuem valores-notícia passíveis de serem veiculados, baseado nos seus critérios de noticiabilidade e também nos fatores que influenciam a dinâmica editorial das publicações.

Imerso nos princípios de cultura que derivam do Iluminismo e do Romantismo, o campo acaba agregando esses valores no que diz respeito aos princípios de acúmulo de saberes, racionalidade, e valorização das artes e letras, o que levou esta visão do que é cultura a interpretações mais pluralistas. Além disso, não podemos deixar de referir que, após a Segunda Guerra Mundial, objetos culturais passaram a virar mercadoria e o lazer tratado como entretenimento, conceitos estes que estão presentes na dinâmica do jornalismo cultural.

Os suplementos culturais tiveram suas origens nos folhetins de rodapé das páginas, no século XIX, aliando a publicação de receitas, horóscopo, temas que foram bases para a criação de várias revistas de variedades voltadas para as mulheres, característica marcante da época. Essas publicações tiveram seu surgimento, de fato, a partir dos anos 1950, época onde o jornalismo passou por uma mudança estrutura e tornou-se mais organizado e segmentado.

Neste contexto, o jornal *O Estado de São Paulo* é uma empresa reconhecida por apoiar temas e instituições culturais ao longo de sua história, mesmo quando não possuía nenhum caderno específico para o segmento. Um exemplo disso é a colaboração da empresa para a criação da Universidade de São Paulo, em meados dos anos 1930. Nos anos cinquenta, dentro de uma reforma estrutural do *Estadão* e do jornalismo brasileiro como um todo, surgiu o *Suplemento Literário*, espaço para informação e densa reflexão analítica, um marco no segmento. A partir desse momento, existiram depois dessa publicação outros cadernos e suplementos que tratavam da cultura no *Estadão*, mas nenhum com o foco na literatura. E o suplemento *Sabático*, nessa perspectiva, teve seu início como um resgate das tradições culturais do grupo Estado e, mais precisamente, do próprio suplemento literário, sendo o caderno do *Estadão* que tivesse seu foco nos livros, sem que significasse um espaço voltado

unicamente para a literatura. Outros temas culturais também possuem espaço no *Sabático*.

Tendo esses pressupostos em vista, a questão central que norteia a problematização desta pesquisa é: quais são e como se manifestam os valores-notícia de seleção presentes nas matérias de capa das dez últimas edições do suplemento *Sabático*? O objetivo geral é identificar os principais valores-notícia presentes no *Sabático* e, a partir disso, refletir a respeito de como estes aspectos são utilizados pelo suplemento. Os objetivos específicos da nossa pesquisa são: a) apresentar conceitos de jornalismo cultural para que embasem as avaliações do suplemento; b) contextualizar a história do *Estadão* para compreender seus laços com a cultura; e c) fazer um levantamento dos valores-notícia presentes nas matérias de capa.

O método que escolhemos para a nossa pesquisa é o de análise de conteúdo, pois é o que se enquadra melhor na nossa proposta de análise a respeito do *Sabático*. Para Helena Herscovitz, a análise de conteúdo é um método bastante relevante, especialmente para o jornalismo, por detectar modelos para critérios de noticiabilidade, classificar, avaliar características de produção:

Amplamente empregada nos vários ramos das ciências sociais empíricas, a análise de conteúdo revela-se como um método de grande utilidade na pesquisa jornalística. Pode ser utilizada para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. Serve também para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, para identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias e para comparar o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas (HERSCOVITZ, 2007, p.123).

O *corpus* de nossa pesquisa consiste nas dez últimas matérias de capa do suplemento *Sabático*, no período entre 16 de fevereiro de 2013 (edição número cento e cinquenta) e 20 de abril de 2013 (edição número 159), última da publicação. **Este fechamento da publicação com a demissão de 40 ocorreu, segundo, o grupo Estado já havia sido anunciado duas semanas antes do ocorrido**

A escolha somente pelas matérias de capa do suplemento e não por todas as seções se deve por dois fatores primordiais: o primeiro deles é a questão de recorte, já que analisando somente as capas podemos ter um aprofundamento maior na nossa avaliação sobre o suplemento. Num segundo momento, porque grande parte dos temas a

serem selecionados para as matérias de capa são de escolha do próprio editor da publicação, Rinaldo Gama e, portanto, representam o critério editorial de seleção, em que constam o maior número de valores-notícia presentes do *Sabático*. É, pois, a seção mais relevante dele.

Um fator que também contribui para a realização de análises é a unidade de registro, dispositivo que permite focar os estudos em um aspecto mais direcionado como uma matéria de jornal, uma palavra, etc. Dentro da classificação de Robert Weber, definimos que a melhor unidade de registro para o nosso trabalho é a de textos inteiros:

Weber (1990) recomenda a utilização de textos inteiros como unidades de registro no caso de manchetes, editoriais, notícias e reportagens curtas para contagem de frequências de categorias de conteúdo manifesto. É importante lembrar que o sentido geral do texto inteiro é computado na análise de conteúdo latente (WEBER *apud* HERSCOVITZ, 2007, p.133).

Nosso trabalho se estrutura, de forma geral, em cinco capítulos principais, a começar pela introdução. O segundo capítulo apresenta algumas noções de cultura, baseadas em teóricos como Raymond Williams e John B. Thompson, além de um percurso histórico sobre os vários sentidos que este verbete incorporou até os dias atuais. Além disso, seguem-se definições sobre conceitos que permeiam o campo do jornalismo cultural, uma síntese com a origem e consolidação dos suplementos culturais, bem como a evidência dos principais suplementos dos anos 1950 e 1960, época de auge desses cadernos, e o contexto histórico em que se desenvolveram. Por fim, realizamos uma abordagem sobre a realidade atual dessas publicações.

Já no terceiro capítulo, fazemos uma perspectiva histórica da relação que o Grupo Estado possui de forma mais direta com a cultura, fazendo um panorama histórico de toda a empresa, desde seu início em 1875, ainda como província de São Paulo, até esta última década, culminando com a chegada do suplemento *Sabático* em 2010, nosso objeto central de pesquisa. Na sequência, fazemos uma contextualização das origens que o suplemento possuiu, seguindo com um detalhamento sobre suas características principais de um modo geral, mas também definindo cada seção em seus aspectos mais relevantes. Por fim, utilizamos algumas dissertações (de outros autores) para colocarmos outros pontos de vista a respeito do *Sabático*.

O quarto capítulo caracteriza-se pela análise propriamente dita do nosso corpus de trabalho, com as dez matérias de capa do suplemento *Sabático* no período referido anteriormente, identificando quais os valores-notícia estão presentes na publicação, com que frequência eles aparecem e também de que forma eles se manifestam nos textos. Anterior a isso, temos uma definição de quais são os valores-notícia de seleção, trabalhados por Nelson Traquina, e também uma aplicação desses critérios em suplementos, com a dissertação de Sara Keller a respeito do suplemento *Cultura*, do jornal *Zero Hora*.

2 CULTURA , JORNALISMO CULTURAL E SUPLEMENTOS CULTURAIS

Definir o que é cultura é um questionamento bastante abrangente se desejarmos nos referir à questão social, filosófica, política e econômica. No entanto, não há indivíduo que possa falar que essa palavra não tenha importância para ninguém. No jornalismo cultural, o termo remete a muitos valores do Iluminismo e Romantismo que, aliados a teorias originárias do pós Segunda Guerra, dentro da Indústria Cultural, consolidando os valores que este segmento do jornalismo trabalha. Os suplementos culturais, dentro dessa perspectiva, cumprem o papel de defesa desses valores culturais, pois trazem consigo prestígio, credibilidade e visibilidade às empresas, pois trabalhar com a cultura significa transmitir conhecimento.

2.1 Cultura: conceitos e abordagens

A palavra cultura, por suas origens, pode ser considerada polissêmica, ou seja, que possui vários sentidos e significados. Mas desde o surgimento da espécie humana até o fim da Idade Média, esse conceito esteve vinculado unicamente ao campo da agricultura. A partir desse momento, começou a adquirir uma nova definição por conta de um processo mais acentuado de urbanização que teve seu primeiro ápice com a Revolução Industrial, no século XVIII.

Os primeiros usos nos idiomas europeus preservaram algo do sentido original de *cultura*, que significava, fundamentalmente, o cultivo ou o cuidado de alguma coisa, tal como grãos ou animais. Do início do século dezesseis em diante, este sentido original foi estendido da esfera agrícola para o processo do desenvolvimento humano, do cultivo de grãos para o cultivo da mente (THOMPSON, 1998.p.167).

Com essa evolução, o que chamamos de cultura passou a ser abordado de uma forma mais complexa, incluindo questões históricas, sociais e antropológicas, construindo um maior campo de sentidos, como explica Thompson:

Em seu sentido mais amplo, o estudo dos fenômenos culturais pode ser pensado como o estudo do mundo sócio-histórico constituído como um campo de significados. [...] Pensado dessa maneira, o conceito de cultura se refere a uma variedade de fenômenos e a um conjunto de interesses que são, hoje, compartilhados por estudiosos de diversas disciplinas, desde a sociologia e antropologia até a história e a crítica Literária. (THOMPSON, 1998, p.165).

O autor coloca também, em sua obra, uma relação estreita entre cultura e antropologia: devido a uma abordagem central dessa ciência sobre o conceito, passou a ser difundida a utilização dele sob diversas formas e métodos.

O conceito de cultura tem estado tão intimamente ligado ao desenvolvimento da disciplina da antropologia que, algumas vezes, estes dois conceitos têm sido vistos virtualmente como co-extensivos: a antropologia, é o estudo comparativo da cultura. Devido à centralidade do conceito de cultura na literatura antropológica talvez não seja surpresa que o conceito tenha sido usado de diferentes maneiras e tenha se ligado a diferentes pressupostos e métodos (THOMPSON, 1998.p.170).

Raymond Williams, em seu livro intitulado *Cultura*, corrobora essa ideia de Thompson, mas adiciona outros elementos que podem ser considerados a respeito desse termo, como questões políticas, econômicas e até religiosas que fariam parte da transição dessas definições e relacionadas com um “espírito formador” do ser humano.

Mas, por outro lado, há questões fundamentais quanto à natureza dos elementos formativos ou determinantes que produzem essas culturas características. Respostas alternativas a essas questões têm produzido amplo leque de significados convincentes, tanto dentro da antropologia quanto, por extensão a partir dela: desde a antiga ênfase num “espírito formador” – ideal, religioso ou nacional – até ênfases mais modernas em uma “cultura vivida” determinada primordialmente por outros processos sociais, hoje designados de maneira diversa – comumente certos tipos de ordem econômica ou política. Dentro das tradições alternativas e conflitantes que têm resultado desse leque de respostas, a própria “cultura” oscila, então, entre uma dimensão de referência significativamente global e outra, seguramente parcial (WILLIAMS, 1992.p.11).

Williams afirma ainda que, a partir do século XX, a sociologia da cultura se coloca sobre dois pontos de vista: idealista e materialista. Nesse sentido, elas chegam a pontos em comum por conta do vasto número de sentidos que possui a palavra, apesar de suas diferenças flagrantes. No caso, a primeira ideia se refere a todos os trabalhos artísticos e intelectuais de uma sociedade para elucidar um “espírito formador” da mesma, enquanto a seguinte se destina a abordar aspectos de uma ordem social geral até especificidades em suas manifestações de caráter cultural. Por conta disso, elas tendem a convergir com maior frequência nas obras contemporâneas, como explica o autor:

A sociologia da cultura, ao entrar na segunda metade do século XX, compunha-se largamente da atividade desenvolvida a partir dessas duas posições, maior parcela de grande valor local. Cada uma dessas posições representou uma forma daquela convergência de interesses, exemplificada de maneira notável pelo próprio termo “cultura”, com sua constante e ampla gama de ênfases relacionais. Porém, nas obras contemporâneas, embora cada uma das posições anteriores ainda se mantenha e seja praticada, vai se

tornando evidente uma nova forma de convergência (WILLIAMS, 1992.p.11).

Do ponto de vista histórico, no século XVIII, segundo Cardoso (2009), essa noção de cultura era tida na França como sinônimo de civilização e representava os ideais de progresso, educação, evolução e razão, característicos do Iluminismo. Dentro de um contexto histórico, o verbete traz consigo um sentido de civilização realizada, alcançada, com o apogeu nos Estados-metrópoles de Inglaterra e França. Foi nesse período o surgimento das enciclopédias, livros didáticos que contemplassem e facilitassem a assimilação de todos os tipos de conhecimentos, dentro da concepção de acúmulo de saberes e racionalidade que está atrelada ao fortalecimento do Iluminismo.

Ainda dentro dessa concepção de cultura, os franceses a definiam assim numa perspectiva de progresso individual. Por outro lado, quando se referiram a um desenvolvimento coletivo, o termo a ser utilizado era civilização. Por definição, civilização seria, portanto, o processo capaz de levar a humanidade da ignorância à racionalidade por meio da legislação, da educação e da melhoria das instituições sociais. Todos os povos teriam, de acordo com essa noção, potencial para serem “civilizados”, desde que ajudados pelos mais hegemônicos da época, França e Inglaterra (CARDOSO, 2009).

Com o progresso do tempo ocorrido pela Europa, o significado de cultura foi agregando outras concepções, como um viés mais pluralista e o dito “espírito do povo”, na medida em que não era uma pessoa ou grupo da nobreza que definia os critérios de qualidade de uma obra, mas sim de uma classe média que crescia e tinha cada vez mais contato com a literatura e outras artes. Sendo assim, o Romantismo foi incorporando esses conceitos e se definindo como uma concepção de mundo idealista e metafísica, cujo afã de totalidade e unidade estava calcado em sentimentos extremos, no senso de tempo e no poder mitogênico. O movimento levou à separação da literatura e da arte do universo simbólico que a cultura engloba e deu a elas um caráter sagrado que as distanciou do artesanato e da habilidade. Nesse sentido, o ramo das artes, humanidades e das letras tornaram-se domínios privilegiados e transcendentais, espaços de valores e fundamentos da formação espiritual do indivíduo, acessando as regiões mais sensíveis do espírito, realizando uma elevação do mesmo (CARDOSO, 2009).

No decorrer do século XX, a palavra cultura foi agregando novos conceitos vinculados ao seu significado. Com fim o da Segunda Guerra Mundial, o mercado passou a se apropriar de várias produções culturais e a relacioná-las e trata-las como mercadoria. Nessa perspectiva, a produção numa escala ampla e a concepção da arte como mercadoria levaram a uma definição desses objetos como bens simbólicos. Dentro dessa lógica, os tempos que antes eram vistos apenas como lazer tornam-se períodos de consumos e, por consequência, esses bens simbólicos são tratados como entretenimento (CARDOSO, 2009).

Já por um viés sociológico, temos a questão do poder relacionado a esses bens culturais. Para Pierre Bourdieu *apud Cardoso (2009)*, essa disputa ocorre pois a produção simbólica desses produtos culturais, que antes eram meras obras de arte, geram conflitos que representam disputas de poder entre as pessoas que detêm o controle dessa produção simbólica sendo que a maioria dessas disputas se consolida como brigas de elites pela hegemonia nesse campo. Todos esses conceitos expostos contribuíram para dar o embasamento teórico e prático necessário para o jornalismo cultural se desenvolver, pois com o ideal iluminista de esclarecimento, valorizando a razão e o pensamento, a relação estreita da cultura com as artes, letras e humanidades, fazendo a mediação entre esses valores com a noção, no século XX, de tratar os objetos de arte como mercadoria e o lazer como entretenimento, possibilitam ao jornalista se colocar como um mediador entre a produção cultural existente com o público a quem se quer chegar, prestando um serviço de informação sobre os fatos.

2.2 Definições de Jornalismo Cultural

O jornalismo cultural pode ser conceituado, nas suas origens, como uma área especializada, dentro do campo jornalístico, em que uma das suas principais características é a presença algo frequente de extensas reportagens e densos textos nos quais o cunho analítico tem um grande espaço, sem deixar de lado a transmissão das informações para o público. Também é verdade que nesse ambiente era comum se ver, em meio às suas páginas, publicação de poesias, prosas e, sendo assim, colaborações para uma difusão cultural das artes em geral, mas também de novos artistas para o seu público-alvo, reforçando um lado educativo e informativo desse espaço.

Como essência, o articulista no jornalismo cultural é o profissional que não apenas informa e opina a respeito de determinado assunto, mas também promove a

reflexão de seu público sobre o mesmo, utilizando-se de argumentos consistentes que sustentem suas opiniões e, ao mesmo tempo, consolidem suas críticas e forneçam as mais completas informações possíveis, de modo que o seu leitor, ouvinte ou telespectador tenha dados para definir seu modo de pensar sobre determinado assunto. Um dos papéis do jornalismo e, por consequência, dos profissionais do campo, é de fornecer dados e informações para que cada pessoa construa seu ponto de vista, de maneira alguma agindo presunçosamente como formadores de opinião.

O escritor e jornalista Daniel Piza complementa essa visão sobre o articulista ressaltando que, além de proporcionar uma reflexão ao público sobre os assuntos abordados em suas colunas, ele deve ter humilde para ouvir aos outros e estar constantemente realizando leituras:

[...] é visível hoje uma crise em âmbitos gerais. Os críticos parecem não mais poder definir o sucesso ou fracasso de uma obra ou evento. O jornalista cultural não consegue desempenhar essa função com clareza e eficácia pois é preciso que o profissional esteja atualizado, saiba ver e ouvir, mesmo que não goste, de vários assuntos e temas para que não comprometa a análise do conteúdo, pois isso limita e vicia a sua sensibilidade. O crítico cultural deve sempre estar por dentro das novas produções locais, ler os clássicos da língua, tanto do seu país quanto obras estrangeiras. O jornalista cultural deve expandir sua cultura e seus horizontes (PIZA, 2004, p.53).

Entretanto, nos dias atuais, o que se percebe é uma falta de criticidade, ou seja, ao realizar uma matéria e publicá-la, ficam explícitos somente os argumentos positivos sobre o objeto central do texto, não havendo, portanto, um contraponto dentro das matérias que trate do lado negativo da obra e/ou pessoa, quando ele existir. Além disso, limitam-se a apenas informar seu público sobre as atrações culturais que estão ocorrendo na cidade e/ou país, programação de TV, enfim, tendo um papel de mera agenda cultural e colocando em segundo plano um ponto de vista mais analítico. Outro aspecto de suma relevância também é a concepção do que pode ser tratado como notícia dentro do campo cultural, ficando apegado aos trabalhos ditos das formas de arte mais consagradas, como cinema, literatura, música e arquitetura, e não ampliando seu leque de opções. O autor argentino Jorge Rivera nos traz importantes pontos de discussão e reforça essa ideia sobre um conceito plausível de jornalismo cultural e o que ocorre de fato:

O chamado “jornalismo cultural” se definiu ao longo de seu desenvolvimento histórico a duas concepções básicas sobre *cultura*: a concepção ilustrada que restringia o campo as produções seletivas das “belas letras” e as “belas artes”, e a que – sobretudo a partir da expansão das perspectivas da antropologia

cultural – lhe ampliava até transformá-lo em uma esfera mais ampla e integradora (RIVERA, 1995, p.15, tradução nossa).

Não faltam, por certo, quem relacione as publicações culturais sua excessiva especialização nas questões de arte e literatura. Desde esta perspectiva restritiva, se diz, um conjunto de temas e problemáticas que definitivamente são culturais ficam fora da agenda, omitindo, por exemplo, a brecha entre os saberes puramente humanísticos e os saberes científicos e tecnológicos; e o que é pior: entre problemáticas que nos horizontes contemporâneos deveriam ter maior complementariedade individual e social (RIVERA, 1995, p.17, tradução nossa).

Nesse campo, por conta das questões referidas acima, há normalmente sempre um conflito, um ambiente de tensão entre as informações contidas nos periódicos e sua superficialidade no que diz respeito à cobertura realizada de uma obra, evento, enfim, algo que possui um determinado contexto e que não é ressaltado pela imprensa:

A coexistência de textos especificamente literários, ensaios analíticos e textos informativos indica um território de tensão entre as funções de jornalista e especialista (Tubau, 1982). Ao abrigar a avaliação e a análise da produção simbólica, o segmento tangencia a esfera acadêmica e se constitui, conforme Faro (2006), em “espaço público de produção intelectual”. O Jornalismo Cultural constitui, dessa maneira, uma “plataforma interpretadora” sobre a cultura e o pensamento de uma época (GOLIN; CARDOSO, 2010, p.185).

Ainda nessa perspectiva, como plataforma interpretadora, o jornalismo cultural tem a expressão de poder modificar o processo de produção dos bens culturais, colocando mais em destaque o que acharem mais relevante para o leitor, pondo em prática os seus valores de profissão:

O jornalismo, com seu poder de dizer e silenciar, interfere no processo de consagração de determinados produtos e agentes do campo de produção cultural, até mesmo no processo produtivo. Nessa luta por prestígio, vem à tona um jogo de distinção: o jornalismo toma para si o poder da assinatura de certos artistas e instituições para legitimar-se; artistas e instituições usam a visibilidade da mídia para dar maior alcance a sua assinatura; e o leitor/espectador busca prestígio ao obter a informação em determinados veículos especializados (GOLIN; CARDOSO, 2010, p. 195).

Com as transformações ocorridas no campo jornalístico, portanto, o foco principal da área também se modificou: em vez de mobilizar seus esforços para a formação de leitores, os profissionais dedicam-se a aumentar a abrangência de suas publicações por meio da prestação de serviços como guias de TV e agendas culturais, mantendo a população informada sobre as novidades semanais em muitas esferas de cultura:

No contexto contemporâneo, o jornalismo se relaciona de maneira diferente com a produção intelectual e artística: a possibilidade de circulação ampla tornou-se o objeto de desejo dos agentes do campo cultural. Não há, portanto, um foco na formação do leitor. Mais do que a presença em um suplemento, o interesse dos produtores – tanto artistas quanto jornalistas – centra-se na abrangência da publicação. Nesse sentido, o jornalismo cultural não cumpre com tanta relevância o papel de “rede de sociabilidade”, de lugar onde se instaura o debate. Ele reforça, sim, a força e a condição de intermediário, de veículo de divulgação. A amplitude da circulação é elemento decisivo para a visibilidade e legitimação das obras de arte e cultura (GOLIN; CARDOSO, 2009, p. 149).

Dentro dessa esfera, não se pode deixar de lado que o jornalista, ao escrever a sua matéria, resenha ou outro tipo de trabalho, deve ter em mente que seu modo de dirigir-se ao seu público não deve ser demasiadamente acadêmico e tampouco tão formal:

De uma coisa tenho absoluta certeza: a linguagem a ser adotada, nestes casos, deve levar em conta o papel de mediação que o trabalho do jornalismo cultural, mais do que em quaisquer outras situações, desempenha. Deve-se considerar que, se nós, enquanto especialistas, dominamos uma determinada linguagem técnica, nosso leitor não a domina necessariamente, na maioria dos casos. Nossa tarefa, assim, é ser tão preciso, crítico e científico quanto for possível, mas jamais nos permitir cair na chamada linguagem acadêmica. (HOHLFELDT, 1996, p.62).

2.3 Suplementos Literários

2.3.1 Contexto histórico

O surgimento dos suplementos literários nos jornais diários e sua consolidação, ao longo dos anos 1950 e 1960, não se deveu apenas às transformações político-sociais que se sucederam no Brasil nesse período. Também ocorreram, ao mesmo tempo, grandes transformações no campo jornalístico propriamente dito, especialmente no âmbito estrutural e de formação dos seus trabalhadores.

Em todo o período em que o presidente Juscelino Kubitschek comandou o Brasil, um plano massivo de desenvolvimento foi implementado, visando o crescimento do setor industrial do país, de modo que passassem a ser produzidos alguns bens de consumo que outrora eram importados de países desenvolvidos como Estados Unidos e Europa, por exemplo. Em paralelo a isso, as produções culturais tiveram grande destaque e exigiam uma cobertura jornalística ampla e de qualidade para atender às

necessidades dessas atrações. Antônio Hohlfeldt nos faz um panorama histórico retratando as mudanças ocorridas no país:

Isso se explica pelo processo de urbanização e conseqüente industrialização e modernização que marca o Brasil nessa etapa: o *slogan* de Juscelino Kubitschek, prometendo progredir cinquenta anos em cinco, e a introdução das montadoras de automóveis no eixo Rio-São Paulo, são típicos desse processo de que a modernização dos jornais e o surgimento dos suplementos antes aludidos é conseqüência e corolário, destacando-se suplementos como o “Livros” do *Jornal do Brasil*, o “SESP” do *O Estado de S.Paulo*, o “Caderno de Sábado” do *Correio do Povo*, e assim por diante (HOHLFELDT, 1996, p.58).

Esse processo correspondeu, igualmente, a um desenvolvimento sem igual das artes em geral na maioria das regiões brasileiras, quer no campo da música (em especial a popular), quer no campo da literatura, do teatro, das artes plásticas, etc. O jornalismo cultural, assim, tinha assunto e, ao mesmo tempo, podia de imediato não apenas registrar para a história quanto avaliar e polemizar sobre os acontecimentos (HOHLFELDT, 1996, p.58).

Sendo assim, o campo jornalístico mudou seu modo de produção e, por conseqüência, sua forma de pensar e agir em seu meio, fazendo com que o modo francês, que privilegiava o lado opinativo, os folhetins e as densas análises, fosse substituído pelo modo americano, que fundamenta suas características na objetividade e informação, segmentando em editorias como geral, cultura e esporte. Neste último modelo, o papel da publicidade não se limita a apenas pequenos comércios, quitandas, etc., mas chega a refrigerantes, montadoras de automóvel, entre outros. Alzira Abreu retrata a transição ocorrida no modo organizacional da imprensa brasileira:

Sem dúvida, a imprensa brasileira, na década de 50, foi abandonando uma de suas tradições: o jornalismo de combate, de crítica, de doutrina e de opinião. Essa forma de jornalismo convivia com o jornal popular, que tinha como características o grande espaço para o *fait divers*, para a crônica e para a publicação de folhetins. A política da atualidade não estava ausente, mas era apresentada com uma linguagem pouco objetiva (ABREU, 1996, p.15).

Os jornais passaram a obter 80% de sua receita dos anunciantes. Como mostra Juarez Bahia, “a unidade de medida do crescimento dos jornais e dos outros veículos de comunicação deixa de ser a notícia apoiada nos classificados para ser a publicidade. Ela compreende toda forma de ocupação de espaço administrada por uma tabela de preços calculada em centímetro de coluna ou em frações de tempo no rádio e na televisão (BAHIA *apud* ABREU, 1996, p.17).

Por outro lado, os próprios profissionais mudaram seu perfil em decorrência dessas transformações, deixando os jornais de contar com escritores que faziam papel de jornalistas, como os casos de Graciliano Ramos e Carlos Drummond de Andrade,

para serem formados na área de comunicação – os ditos especialistas, ou então tecnocratas, como aborda Alzira. No entanto, existem exceções dentro dessa realidade e um dos exemplos mais marcantes é o do escritor e jornalista Nelson Rodrigues, que mesmo trabalhando em meio a essas mudanças, não deixava de lado seu caráter mais literário e descritivo, contrapondo-se à objetividade e informação vigentes. Outros exemplos mais recentes de escritores que trabalham em jornais, mas já adaptados a este novo modo de produção são Luis Fernando Veríssimo, Martha Medeiros, Daniel Piza e Lya Luft.

2.3.2 *Origens, conceitos e estrutura dos suplementos*

A gênese dos suplementos literários se deu com a publicação nos jornais dos romances folhetinescos, em meados do século XIX, e que também contavam com a publicação de receitas, horóscopo e outras informações voltadas exclusivamente ao público feminino, uma das características marcantes desse segmento. Segundo Isabel Travancas, com o passar do tempo, gradativamente, a literatura perdeu espaço nos jornais, ficando mais tarde restrita aos suplementos culturais, tratados na década de cinquenta como “artigos de luxo” por grande parte das empresas jornalísticas:

No Brasil esses primórdios remontam a periódicos como o *Jornal do Commercio* com seu *Folhetim*, de 1838, e a uma linguagem muito próxima da literária, para não falar dos livros transcritos em capítulos. Aos poucos a literatura vai diminuindo seu espaço e importância nos jornais. Com o século XX a imprensa passa por inúmeras transformações, principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial, como salienta Alberto Dines. [...] Nossos jornais, banhando-se na experiência da objetividade e dependendo diretamente do noticiário telegráfico, apreenderam um novo estilo, seco e forte, que já não tinha qualquer ponto de conta com o beltrismo (TRAVANCAS, 2001, p.21).

Uma das principais funções desses suplementos culturais, desde suas origens até agora, é atrair a visibilidade, credibilidade e prestígio aos seus jornais. Isso ocorre por realizarem matérias que abordam questões relativas às artes (pintura, escultura, arquitetura, dança, música, teatro e cinema), para atender às demandas das classes cultas e, conseqüentemente, os principais leitores desses suplementos.

Além disso, outra questão de grande importância é que essas publicações são “anexas” desses jornais, pelo fato de serem encartes dentro das edições diárias de cada publicação e, a grosso modo, não fazerem parte da estrutura normal de um jornal, como

ocorre com as demais editorias. Uma decorrência desse fato é que contam com uma reduzida equipe de trabalho, espaço entre seis e dez páginas em média, baixo número de anunciantes e, por esse motivo, é um dos primeiros segmentos a sofrer com os cortes de gastos que rotineiramente ocorrem nas empresas.

Os suplementos, para Santiago (2004), representam um espaço de que o jornal prescinde. Diferentemente das editorias que se complementam (política, polícia, economia etc.), o suplemento traz conteúdo sem o qual o jornal continuaria completo. Nessa espécie de “algo a mais” que o leitor recebe é que está reservado o espaço para o escritor, a literatura e as artes, sugerindo que o tempo livre do fim da semana seja aproveitado por meio do cultivo da mente. A especialização dos cadernos é proporcional ao seu caráter suplementar, já que são destinados a um público relativamente restrito (GOLIN; CARDOSO, 2010, p.190).

Mesmo assim, essas publicações cumpriram um papel relevante nos anos 1950 também no que diz respeito à revelação de jovens escritores e críticos, servindo-lhes de espaço de legitimação de suas capacidades perante a sociedade:

O suplemento era a forma de inserção dos jovens no mundo literário. Para a publicação dos primeiros textos, o iniciante buscava uma indicação de amigo, parente ou conhecido que o pusesse em contato com um escritor conceituado que colaborasse em suplementos. Na *Folha da Manhã* dessa década pode-se ler: “As páginas literárias dos jornais diários são a única maneira de um escritor estreante ganhar dinheiro com o que escreve. As revistas literárias escasseiam, muitas delas levam anos sem aparecer. [...] As casas editoras queixam-se de crise e não se arriscam a lançar um nome desconhecido. Só ficam mesmo os suplementos” (ABREU, 1996, p.25).

Uma das características que não se pode deixar de ressaltar ao falarmos de suplementos culturais é que eles propiciavam uma rede de sociabilidade entre seus colaboradores, que se reuniam em cafés, bares, cineclubes, para trocarem experiências:

Os suplementos também formavam “redes de sociabilidade” (ABREU, 1996, p.23). Juntamente com cafés, editoras e revistas literárias, essas publicações congregavam os intelectuais da época. Foram cruciais para a formação do campo intelectual nacional, junto com as universidades, já que aí se cruzaram várias gerações de pensadores. Os textos desses especialistas eram adaptados ao formato, ao espaço e à periodicidade do encarte de circulação semanal (GOLIN; CARDOSO, 2009, p. 140).

2.3.3 Principais suplementos: anos 1950-1960

Dentro da proliferação de suplementos culturais que ocorreu a partir da década de 1950 no Brasil, alguns deles se tornaram referências do período no jornalismo

cultural, seja por sua qualidade analítica, representatividade e por simbolizar um paradigma do modo de produção de publicações no âmbito cultural. Não por acaso, os principais encartes se concentrava nas grandes metrópoles brasileiras, São Paulo e Rio de Janeiro.

Na capital paulista, em 1956, foi criado pelo crítico literário e escritor Antônio Cândido o *Suplemento Literário*, publicação caracterizada por densas e qualitativas abordagens analíticas do campo cultural em meio às transformações pelas quais o jornalismo passava, focando mais no modelo informativo e factual. Para Antônio Dimas, a importância da publicação se consolida por ter sido e continuar sendo um elo de ligação entre os conhecimentos acadêmicos e a prática jornalística no âmbito cultural, além de fazer um retrato abalizado dos panoramas nacional e internacional de produções culturais da época:

Esse suplemento conseguia, de maneira magistral, cobrir o território brasileiro em termos culturais e dar notícias daquilo que se passava no estrangeiro. Ao mesmo tempo que conseguia recuperar informações do passado através de artigos analíticos e críticos de literatura nacional ou estrangeira, esse suplemento dava cobertura daquilo que se passava naquele momento em países estrangeiros (DIMAS, 1996, p.37).

Por essas características já citadas, o *Suplemento Literário* buscava, por excelência, tornar-se uma publicação completa, que conciliava o texto leve com as matérias mais abrangentes e, conseqüentemente, agregava prestígio ao *Estadão* junto aos seus leitores:

Inovador para a época, pretendia ser uma “pequena revista de cultura”, com “matéria leve, curta e informativa”, e “matéria de peso”, “remuneração condigna do trabalho intelectual me obedecendo a um planejamento racional”, “atmosfera de objetividade e largueza intelectual, rejeitando os preconceitos literários” (LORENZOTTI,2007). Apresentava poucos anúncios comerciais, mas era eficiente em trazer prestígio ao *Estadão*, congregando segmentos importantes da intelectualidade paulista (GOLIN;CARDOSO, 2010, p.189).

No Rio de Janeiro, também foi lançado em 1956, por Reinaldo Jardim, o *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*. Num primeiro momento, a publicação focava seus temas em assuntos voltados ao público feminino e também na veiculação de poesias. No entanto, as transformações pelas quais passou o SDJB serviram de ponto de partida para as reformulações que o próprio *Jornal do Brasil* acabou realizando.

Ao final do mesmo ano, uma das primeiras grandes coberturas realizadas pela publicação foi o acompanhamento da semana de arte concreta, organizada pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos, um evento significativo pelo contexto de proliferação de grandes movimentos e expressões culturais nessa década, e, a partir desse divisor de águas, as artes, o teatro, o cinema, entre outras expressões de cultura tiveram maior importância, reflexão e divulgação dentro SDJB. Vale ressaltar que, nesse período, não só as matérias de cunho feminino, mas também as crônicas tinham grande espaço no suplemento.

Para o jornalista e filósofo Afonso Romanno de Sant'Anna, existiam características que definiam o conceito de suplemento cultural naquele período e que sintetizam as diferenças substanciais para o que viria a ser a nova visão desses periódicos, tais como:

As publicações eram dirigidas por escritores e não por jornalistas ou comunicadores; publicavam-se poemas e contos; também havia a publicação de críticas e ensaios e não o que hoje se chama vagamente de resenhas; centravam-se sobretudo na literatura brasileira; os suplementos apoiavam-se basicamente em textos e não abriam, como hoje, tanto espaço para fotos e ilustrações (SANT'ANNA, 2010, p.39).

Sant'Anna ressalta ainda que o período que sucedeu esse grande ápice dos suplementos nas décadas de 1950 e 1960 foi marcado pela transição dos trabalhos mais analíticos para um pensamento mais comercial, mercadológico, em que os jornalistas ficam à mercê dos interesses de outros agentes culturais, especialmente as editoras e divulgadores:

Diria, enfim, que os suplementos até esse período tinham como função o debate, a exposição de ideias e a formação cultural. Parte houve uma modificação, os suplementos converteram-se, sobretudo, em veículos de informação sobre o que está saindo no mercado editorial, razão pela qual os divulgadores e as editoras passaram a ter mais força nas suas pautas (SANT'ANNA, 2010, p.40)

2.3.4 Suplementos na atualidade

Conforme Isabel Travancas, desde os anos 1950, a força que a literatura possuía nos jornais foi se esvaindo e os espaços em que ela aparece nos suplementos acabaram por se tornar raros e disputados. Esse fato também se deve a um maior dinamismo pelo qual a sociedade mundial passa como um todo, onde o expediente e responsabilidades

nos mais variados trabalhos têm aumentado sensivelmente, a ponto de resultar, como consequência, numa escassez de tempo para que as pessoas possam se dedicar a desfrutar de seus momentos de lazer com maior dedicação e desfrute. Esta circunstância acabou afetando diretamente o modo de se fazer jornalismo, especialmente dentro dos cadernos, direcionando esses espaços para uma cobertura com maior agilidade, objetividade e menos reflexão. Travancas faz um apontamento sobre esta questão:

Hoje o que vemos é uma nova etapa no processo de transformação desses cadernos. Processo esse que está estreitamente ligado às mudanças sofridas pela própria sociedade, pela imprensa e também pelo público leitor. O homem moderno tem pressa, tem pouco tempo, quer receber o máximo de informações no menor tempo possível. É a corrida da sociedade moderna, da vida na cidade [...] (TRAVANCAS, 2001, p.22).

Nessa estrutura do jornalismo, o que passou a ser perceptível é a fragmentação da área em diversas editorias, visando uma administração mais planejada por parte das empresas (TRAVANCAS, 2001). Para Travancas, essa setorização também significa uma topologia do conhecimento, na qual os conhecimentos são direcionados para diferentes áreas com suas peculiaridades, e ainda cita os diferentes enquadramentos que um determinado livro pode ter, dependendo de sua importância:

Esta divisão em editorias aponta para uma topografia do conhecimento, onde os diferentes saberes são distribuídos em áreas estanques e distintas fisicamente. [...] Da mesma forma é interessante perceber as fronteiras entre as editorias e o que é considerado como pertencente a uma e não a outra. [...] Quando um jornal possui um suplemento literário, é pra lá que vão os livros noticiados, este é quase sempre o seu destino. Mas há livros e livros. Um livro de economia, de um ministro, por exemplo, pode merecer nota ou uma pequena reportagem na editoria afim[...] (TRAVANCAS, 2001, p. 26).

Acho interessante destacar a construção da realidade que é feita pelo “mundo do jornal”. Ou seja, para um jornalista a vida será pautada, dividida e compreendida a partir dessa divisão. Divisão que na realidade é fruto de uma necessidade do homem de classificar, [...] Classificar para compreender e também reorganizar (TRAVANCAS, 2001, p. 27).

Atualmente, o papel que os suplementos possuem no contexto de suas empresas denota uma mudança de paradigma em relação aos seus primórdios. Anteriormente, essas publicações eram tratadas como uma área mais nobre do jornal, um complemento, tanto que seus profissionais eram muito bem remunerados, além de que saíam nos dias

de maior circulação, aos fins de semana, para que as pessoas tivessem tempo de ler, se informar e refletir. Hoje em dia, essas publicações têm o papel suplementar, ou seja, são anexos da parte principal do jornal e saem aos sábados e domingos somente por serem os dias de maior vendagem. Como ressalta Travancas, essas publicações, no entanto, contribuem para dar um maior prestígio a esses jornais, mesmo sendo deficitárias por contar com pouco ou nenhum tipo de anúncio em suas páginas:

Os suplementos literários transmitem uma ideia de livro e de literatura e significam prestígio para os jornais e *status* para quem trabalha neles. São frequentes os casos de suplementos literários deficitários, cuja receita de publicidade não chega a cobrir seu custo. Mas a relação custo-benefício para um jornal, assim como para uma sociedade, não se mede apenas pelo seu valor financeiro. É como se o jornal se valorizasse na valorização de seu leitor (TRAVANCAS, 2001, p.36).

Os responsáveis pelas crônicas, resenhas e artigos nos principais jornais são professores, artistas, jornalistas, historiadores, enfim, uma gama extensa de profissionais, claro que com mais ênfase para os profissionais das redações. Uma das principais mudanças seria uma “desliteraturalização” da imprensa, como ressalta Silviano Santiago, articulista do *Sabático*, pela falta de identificação da própria empresa em não denominar seus suplementos como suplementos literários e sim espaços para livros, matérias, etc. (TRAVANCAS, 2001). Isabel Travancas ressalta ainda outros fatores para que essas publicações perdessem esse teor mais literário em sua essência:

E essa “desliteraturalização” é consequência de inúmeros fatores como: o cosmopolitismo modernizante na imprensa reduz o impacto a literatura no jornal; com o avanço tecnológico [...] o jornal se tornou menos opinativo e mais informativo, gerando um empobrecimento do lugar da literatura; [...] e por último, mas fundamental, o fato de o livro ter se transformado em mercadoria de fácil acesso ao público, fazendo com que o escritor não precise mais publicar seus textos na imprensa para ser conhecido (TRAVANCAS, 2011, p.43)

E dentro desse panorama dos suplementos, há uma área que atua diretamente na colaboração desses espaços que é o mercado editorial de livros, sempre tão propenso a críticas e polêmicas. Para Isabel Travancas, é necessário que uma editora invista seus esforços em autores de renome, como Paulo Coelho, Luis Fernando Veríssimo, para que ela possa se sustentar pela venda destes *best sellers* e, assim, dê espaço para que autores novos consigam publicar suas obras em uma editora, mesmo que eles tragam prejuízos para a empresa (TRAVANCAS, 2001).

Nesse sentido, outro ponto de discussão que surge é o papel desses autores renomados como fomentadores do despertar de interesse de novos leitores por meio de suas obras. Em depoimento a Travancas, Heloisa Buarque de Holanda afirma que os livros mais conhecidos têm a função de atrair o leitor de modo que a leitura seja um processo de sedução e evolução, pois a partir do momento que uma pessoa realizar a leitura de determinada obra reconhecida, conseqüentemente iria adquirir o hábito das leituras e procurar outros autores (TRAVANCAS, 2001). Já para Silviano Santiago, a questão é outra. Para ele, o déficit em ler livros no Brasil se deve ao fato de que nosso país tem uma tradição musical muito forte e nem um pouco literária, ocorrendo hoje uma desvalorização da escrita, com grande parcela de culpa da imprensa, que propõe textos mais ligeiros e menos analíticos (TRAVANCAS, 2001).

Isabel Travancas ressalta ainda que o mercado de livros se tornou mais forte no país em razão de uma estruturação maior das editoras a partir dos anos 1980, o que contribuiu bastante para uma melhor remuneração dos autores e divulgação das publicações:

O que todos estão de acordo é sobre a importância da profissionalização do mercado editorial, do reconhecimento do autor. E o sucesso de um Paulo Coelho, aliado ao surgimento de uma empresa paradigmática e geradora de grandes transformações nos anos 1980-1990 na indústria do livro no Brasil – a Companhia das Letras -, vão ser fundamentais. Uma empresa que vai investir na qualidade dos textos e do projeto gráfico dos seus livros, e também no tratamento dispensado ao autor, que passa a receber adiantamento dos direitos autorais [...] além de realizar campanhas publicitárias para divulgar seus títulos, e fazer promoções conjuntas com outras mídias (TRAVANCAS, 2001, p.140-141).

Dentro deste tema, há outra perspectiva que não pode deixar de ser abordada, dentro do jornalismo cultural, no que diz respeito a publicar matérias somente por uma notoriedade de quem escreve e deixando de dar ênfase a autores com maior qualidade. Daniel Piza ressalta esse aspecto, trazendo o exemplo de cobertura entre um livro do ex-presidente do Brasil e senador José Sarney, e o escritor manauara Milton Hatoum:

Um exemplo de todas essas nuances ocorreu por conta do lançamento de dois romances [...] *Saraminda*, de José Sarney e *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum. Uma grande revista semanal brasileira abriu sua seção cultural com o primeiro, dedicando-lhe três páginas. O assunto central era menos o livro que o autor, Sarney, ex-presidente, com alguns livros bem-sucedidos nas livrarias etc. Mas “vendia” o livro – sugestionava o público a adquiri-lo – e mal fazia ressalvas sobre seus defeitos literários. Há o romance de Hatoum teve um máximo de quarenta linhas, num pouco visível rodapé de página. No entanto, o equívoco foi duplo: primeiro, porque o livro de Hatoum é melhor que o de

Sarney, com personagens mais bem construídos, escrita mais rica e tema mais pertinente para a atualidade; segundo, porque terminou tendo mais exemplares vendidos (dezoito mil contra sete mil exemplares) [...] Ou seja, nem mesmo o critério do suposto “interesse do público” ficou em pé (PIZA, 2004, p.50-51).

Travancas reforça seu conceito de que a estrutura dos suplementos e, conseqüentemente, também quem trabalha neles é afetada por duas lógicas principais: a individualista e a hierárquica, que acabando convivendo simultaneamente e encaminhando as diretrizes traçadas pela publicação:

Acredito que os suplementos e seus produtores estão afetados por duas lógicas: a individualista e a hierárquica, [...]. E estes cadernos são a representação e prática destas duas lógicas. O processo de seleção do suplemento resulta basicamente da decisão de seu editor e de sua equipe, o que não quer dizer que a direção não possa encaminhar um livro para ser resenhado, assim como os jornalistas ou colunistas não venham a ter um espaço garantido para seus livros nas folhas destes cadernos. Isto porque estas duas lógicas estão atuando concomitantemente, fazendo com que os suplementos sejam o resultado das duas, da sua convivência. Na medida em que há constante negociação entre elas por parte dos indivíduos. (TRAVANCAS, 2001, p.149)

Por fim, a autora concluiu com base nos seus estudos sobre quatro publicações culturais do Brasil e da França, que esses cadernos ou suplementos ressaltam ainda a importância que o livro e a literatura possuem como valor para a sociedade, mesmo com suas dificuldades extensamente debatidas, colaborando com a valorização de escritores e demonstrando que esse universo do campo cultural continue se perpetuando por meio desses espaços:

A criação e a permanência destes cadernos é expressão do interesse destes quatro jornais de apoiar o livro e a literatura. Eles ainda são um *valor* nas sociedades ocidentais. Valor que remete à ideia de tradição e à definição destas sociedades como letradas. Os escritores ainda são vistos como indivíduos que, muitas vezes, obtiveram sucesso, prestígio e reconhecimento, valores expressos pela própria sociedade e da qual os jornais e seus suplementos seriam um canal. (TRAVANCAS, 2001, p.150)

Penso que os suplementos de maneira geral cumprem o papel de defesa da literatura e mais especificamente do romance. Os jornais, com seus cadernos, demonstram empenho e interesse em que o mundo dos livros e da leitura continue tendo espaço e importância na sociedade. (TRAVANCAS, 2001, p.151-152)

3 ESTADÃO, SABÁTICO E CULTURA: UMA RELAÇÃO DE PROXIMIDADE

Desde os seus primórdios, o Grupo Estado e, por consequência, o jornal *O Estado de São Paulo*, tiveram um papel importante na divulgação de manifestações culturais, como a rotogravura, e também na ligação com o conhecimento, fruto da ajuda à inauguração da Universidade de São Paulo, em 1934. A seguir, veio o período dos suplementos literários, e nesse período também a empresa foi vanguardista ao lançar o *Suplemento Literário*, com a coordenação do crítico Antônio Cândido, que informou, refletiu e analisou o cenário produtivo das artes. Nesse legado, o *Sabático* foi lançado em 2010 com esse objetivo de consolidar essa percepção e dar um espaço de destaque aos livros, com ou sem enfoque em literatura.

3.1 Origens do Estadão

Antes de propriamente adentrar a história do suplemento *Sabático*, não podemos deixar de relatar o histórico do próprio *O Estado de São Paulo* e sua relação com a cultura, não somente com relação aos suplementos culturais propriamente ditos, mas também em espaços dentro das páginas principais da publicação.

O jornal surgiu com o nome de *Província de São Paulo*, em 1875, ainda no período do império no Brasil, com uma tiragem de 2.000 exemplares. Nessa época, a capital paulista começava a se consolidar como importante centro financeiro do país e a rivalizar no seu grau de importância com o Rio de Janeiro – capital naquele momento – devido ao crescimento de seu parque industrial, além das inúmeras ferrovias construídas que faziam o escoamento da produção de café para o restante do país e exterior. Conforme Janine Mogendorff (2013), somente em 1888, com a proclamação da república por Deodoro da Fonseca, o jornal passou a se chamar *O Estado de São Paulo* e, naquele período, a tiragem chegava a 8.000 exemplares.

Um pouco antes da virada do século XIX para o XX, o *Estadão* deu um novo salto nas tiragens: com a aquisição de novos aparelhamentos, passou a contar com 18 mil jornais em circulação, exatamente no período em que ocorria a guerra de Canudos, em Pernambuco, conflito este que foi coberto pelo escritor e jornalista Euclides da Cunha, que mais tarde viria a escrever uma obra sobre essa batalha, *Os Sertões* (MOGENDORFF, 2013).

Nos primeiros anos do século XX, o jornal dobrou seu número de exemplares, passando para 35 mil a tiragem, numa cidade que contava com aproximadamente 200 mil habitantes e, em 1902, Júlio Mesquita assumiu o comando empresarial do *Estadão* (MOGENDORFF, 2013). Já nos anos 1930, São Paulo contava já com quase 900 mil habitantes e o jornal atingiu a incrível marca de 100 mil exemplares, significativa para o período. (MOGENDORFF, 2013). Nessa época, começava o período conhecido como “Era Vargas”, quando o presidente Getúlio Vargas presidiu o país até 1945 e teve muitos conflitos com a imprensa, especialmente a paulista, devido ao fato de ser um político que não advinha da política café-com-leite – momento político em que somente São Paulo e Minas Gerais detinham o controle econômico e político do país. Vargas representava um grupo de oligarquias resistentes a esse domínio. Nesse período, era ostensivo o combate às anarquias, vistas como ameaças ao regime de Getúlio. Só que, ao aprovar medidas que combatiam o radicalismo, acabava também por censurar a liberdade de expressão da imprensa, fato esse que impulsionou os embates entre o governo federal e a empresa dos Mesquita.

Um capítulo importante dessa história do *Estado de São Paulo* com relação à cultura é a fundação da Universidade de São Paulo, a USP, em 1934, o que reforçou os laços de integração entre âmbito acadêmico e o campo jornalístico, ideal esse bradado exaustivamente pela empresa e por seus fundadores, que se baseavam nos ideais iluministas de Voltaire para sustentar este pensamento e investimento em cultura. (LORENZOTTI, 2007). Nos anos 40, devido às divergências políticas existentes, Vargas interveio na redação do jornal e assumiu o controle da empresa até 1945, quando chegou ao fim seu mandato. Os antigos editores, capitaneados por Julio Mesquita, acabaram voltando a integrar a equipe do *Estadão* no final da década de 40.

Já a partir dos anos 50, passaram a liderar novamente a empresa, curiosamente no mesmo período em que Vargas voltaria ao poder no Brasil, desta vez eleito pelo voto popular. Nessa década, a empresa passou por profundas transformações na sua infraestrutura, bem como a imprensa brasileira no geral com a influência das técnicas americanas de fazer jornalístico. O Grupo *Estado* expandiu seus negócios também para as radiodifusões com a criação da rádio Eldorado, em São Paulo. Em 1956, ocorreu o surgimento do *Suplemento Literário* do *Estadão*, primeira publicação específica da empresa a respeito da literatura e que foi um marco para a imprensa na área cultural, fato esse que já abordamos anteriormente (MOGENDORFF, 2013).

Em 1966, foi lançado o vespertino *Jornal da Tarde* com a ideia de atualizar as notícias veiculadas pelo grupo e não deixar os leitores terem que esperar apenas o dia seguinte para se manter informado a respeito do que vinha acontecendo de mais importante. Mantendo a sua tradição de grande opositor crítico aos governos, os veículos do grupo *Estado* foram censurados no período (MOGENDORFF, 2013). Desde o encerramento da trajetória do *Suplemento Literário*, em 1974, até o surgimento do *Sabático*, em 2010, não houve nenhum suplemento dentro da empresa que tivesse como enfoque especificamente a literatura, cabendo a cobertura aos cadernos que abordassem de maneira geral a cultura. As publicações que sucederam o SL foram o *Suplemento Cultural*, de 1976 até 1980, e o *Cultura*, de 1980 até 2010, ambos tabloides com 16 páginas (MOGENDORFF, 2013). O autor Sérgio Gadini contextualiza esse período de cobertura cultural no *Estadão*:

Até os primeiros anos da década de 1980 *O Estado* insere as matérias culturais de cobertura diária no primeiro caderno (que oscila entre 24 e 40 páginas). Em 2,3 ou 4 páginas, dependendo do dia de semana e da edição, o periódico abre as páginas que veiculam matérias culturais sob o chapéu (destaque no alto da página) Artes/Roteiro/Variedades. Informações de serviço e roteiro de cinema/teatro são publicadas, nessa época, junto com os classificados do jornal (GADINI *apud* MOGENDORFF, 2009, p.69).

Em 1986, o Estadão lançou o seu *Caderno 2*, consagrando-se como um espaço de debate e crítica na área cultural (MOGENDORFF, 2013). A publicação, que também se colocou como uma herança do antigo SL, tem uma periodicidade diária, com suas edições no fim-de-semana sofrendo algumas modificações como um enfoque mais dado à música com o C2 + música, no sábado, e o C2 +TV, aos domingos.

3.2 Suplemento Sabático

3.2.1 Contexto da publicação

O suplemento *Sabático*, do jornal *O Estado de São Paulo*, entrou em circulação no dia 13 de março de 2010, imerso em um novo projeto editorial da empresa, derivado de uma demanda de modificação necessária ao suplemento *Cultura*, que circulou de 15 de junho de 1980 a 07 de março de 2010. O então diretor da antiga publicação, jornalista Rinaldo Gama, que viera a ser também o responsável pelo *Sabático*, estava entre as pessoas delegadas para conduzir e realizar essas transformações na publicação. Pela sua vinculação com o campo cultural desde que esteve por 8 anos na seção cultural

da revista *Veja*, muitos dos conceitos que futuramente se concretizaram no suplemento, tiveram seus primeiros indícios com a chegada de Gama, em 2008, para trabalhar no grupo *Estado* como diretor do caderno *Aliás*. Logo na sequência, em 2009, Rinaldo foi encaminhado para o *Cultura*, onde iniciou a refletir sobre possíveis mudanças.

Em março de 2009 eu fui transferido para um caderno que se chamava *Caderno2/Cultura*, que era um caderno que saía aos domingos, com a incumbência de fazer um novo caderno, de transformar esse caderno, cuja contribuição, segundo o entendimento do jornal, já havia sido dada, era preciso que ele fosse renovado. Então eu comecei a trabalhar no projeto da renovação do antigo *Cultura* com a Laura Greenhalgh, que é a editora executiva para os cadernos e suplementos culturais do *Estadão*, com esse objetivo: fazer o novo *Cultura*. Era assim que a gente chamava: o novo *Cultura*. (GAMA *apud* COSTA, 2011, em entrevista).

Conforme entrevista que consta na dissertação de Juliana Meres Costa sobre o *Sabático*, Gama ressalta que o processo de consolidação das mudanças estruturais no suplemento do *Estadão* passou por três etapas: primeiramente decidiu-se mudar o dia do periódico, passando de domingo para o sábado; a seguir, ficou definido que o nome passaria a ser *Sabático* e, finalmente, que o seu foco principal seria nos livros, não significando, entretanto, que a publicação trataria somente de literatura.

Nessa perspectiva, Rinaldo afirma que havia receio dentro da equipe do jornal pela escolha de privilegiar uma vertente dentro desta esfera cultural, ação pouco comum nos suplementos atuais, embora estivessem convictos de estarem tomando uma decisão acertada:

O que o jornal fez foi um movimento, de certa maneira, na contracorrente do que estava sendo verificado no mundo. Eu falei isso nesse dia, quando houve essa proposta eu falei isso. Para mim, que tenho essa formação [em semiótica], não poderia haver notícia melhor, que o jornal fizesse um caderno dedicado a livros. Mas era bom lembrar que não fazia muito tempo o *Washington Post*, por exemplo, havia fechado o seu caderno de livros. Portanto, nós estávamos indo na contracorrente, o que era excelente. Quando você vai na contracorrente significa que você é ousado, que você vai balançar o mercado, que você vai realmente renovar. E aí comecei a trabalhar em cima do projeto que era originalmente para um novo *Cultura*, e comecei a ver o que desse projeto poderia ser aproveitado para o caderno que fosse só de livros e o que mais ele precisaria ter sendo, portanto, um caderno dedicado só a livros. (GAMA *apud* COSTA, 2011, em entrevista).

Conforme texto escrito logo no seu lançamento pelo *Estadão*, “a criação do *Sabático* serviu de estímulo para resgatar um pouco do insuperável *Suplemento Literário* [...]. Suas páginas foram ponto de encontro dos talentos da geração e

revelaram nomes que se consagrariam não só na literatura, mas no cinema, no teatro, na música, nas artes plásticas”. A editora executiva dos cadernos culturais do *Estadão*, Laura Greenhalgh, ressalta ainda que o suplemento teria a função de orientar os leitores e consumidores “com os melhores lançamentos, reportagens, críticas de livros e ranking dos mais vendidos”. Segundo dissertação de Karla Beraldo Souza, o projeto gráfico é descrito como arrojado, incluindo “tipografias e cores selecionadas especialmente” e trazendo, ao longo das páginas, “pequenas notas, ilustrações e frases recortadas do universo cultural”.

3.2.1 Características do Suplemento

Por todo o *Sabático* não há uma única linguagem em seus textos, mas diversos modos de escrever em função dos vários perfis diferentes de quem escreve. No entanto, para Rinaldo Gama, o mais importante é que se faça um bom texto com clareza e concisão, de forma que ele possa ser atrativo tanto para o leitor mais erudito, quanto para leitores com menor conhecimento. Na publicação, os textos possuem suavidade combinada a uma clareza que torna as leituras agradáveis, o que não quer dizer que sejam apenas esses pontos que contribuam para o *Sabático* se tornar um atrativo ao seu leitor (COSTA, 2011). Gama afirma também que a variedade de temas e sua complexidade também têm importante papel nesse ponto de vista:

Em geral o assunto é complexo, os autores têm obras sofisticadas, etc. Você só pode encorajar alguém a entrar nesse mundo se você mostrar que esse mundo não é chato, não é intransponível, ao contrário, que ele é atraente, que ele é possível de ser penetrado, é acolhedor, inclusive. Você só pode conquistar o leitor dessa maneira. E aí não tem outro remédio, não tem outra saída, é um trabalho muito exaustivo de elaboração de texto e de apresentação daquele conteúdo. Então um caderno de cultura obrigatoriamente tem um acabamento que precisa ser muito consciente do leitor que ele quer atingir. Não estou dizendo que nas outras partes do jornal não é assim, só estou dizendo que nas outras partes do jornal, como se trata, via de regra, de fatos bastante recentes com os quais o jornal está trabalhando, eles se auto-impõem, falam por si da sua importância. “Os EUA eliminam o Bin Laden”, isso fala por si. A importância disso. Ou o terremoto; o tsunami; ou uma denúncia, “O ministro pagava sua empregada com dinheiro público”, e assim por diante. Isso tem em si mesmo uma carga de importância imediata, um apelo muito forte da notícia. No nosso caso nem sempre é assim. Então você vai conseguir atrair esse leitor novo através do texto (GAMA, 2011, em entrevista).

Embora tenha essa preocupação de atingir um maior número de leitores, o *Sabático* não deixa de lado um viés elitista de atingir majoritariamente as classes A e B, muito simbolizado pelo crítico da coluna prosa de sábado Silvano Santiago,

representando a linha editorial do *Estadão*, o que ressalta o ex-diretor do jornal, Sandro Vaia:

Sandro Vaia, ex-diretor de redação do *Estado*, responsável pela reforma gráfica e editorial de 2004, conta que o jornal tem o interesse de circular “junto a públicos formadores de opinião, universitários, tomadores de decisão, empresários” (*apud* Sant’Anna, 2008, p. 200), para se manter um veículo influente. Vaia também reforça a crença de que o jornal “não precisa ter uma circulação superfaturada. Basta ter uma circulação que atinja as camadas A, B, tomadores de decisões, formadores de opinião, que nos interessa ter” (COSTA, 2011, p. 201).

Conforme a dissertação de Juliana Costa (2011), desde a sua gênese, o *Sabático* seria um espaço voltado aos livros e ao mercado editorial, sem necessariamente se focar especificamente em literatura. Dentre os temas mais abordados, destacam-se o lançamento de um livro, questões referentes ao mercado editorial, matérias sobre a celebração de alguma data histórica ou um cânone da literatura, festas, feiras, etc. No entanto, as reportagens sobre o mercado editorial possuem um representativo destaque e são abordadas de maneira vasta, contemplando vários espaços do campo cultural. Suas pautas têm uma expressiva variação, sendo apresentadas de diversas formas, seja por meio das grandes reportagens, entrevistas com especialistas ou temas que permitem alguma abordagem mais analítico-reflexiva. Um aspecto importante a ser ressaltado é o pouco espaço que o teatro ocupa na publicação, tendo somente uma matéria sobre uma peça de Shakespeare em maio de 2010 sido realizada.

Outra característica importante é a inserção de temas que se interseccionam, referendando aquela ideia inicial de não apenas tratar só de literatura, mas também de outros assuntos relacionado aos livros. Foi o caso da primeira edição do *Sabático*, que contou com uma entrevista com o filósofo e escritor italiano Umberto Eco que, além de falar a respeito de seu livro *Não contem com o fim do livro*, comentou sobre a crise do jornalismo impresso. Rinaldo Gama ressalta a importância de ter uma pessoa da importância de Eco para a edição número um da publicação:

Na verdade foi uma confluência de fatores. Se fosse o Umberto Eco publicando um livro sobre a idade média, eu não tenho certeza se seria ele a capa do 1º número do *Sabático*. Ele seria a capa do *Sabático* em algum momento. Eventualmente, se fosse naquela ocasião, próximo do lançamento do livro, até poderia ser. Mas o que realmente me convenceu, e aí eu interfeirei pessoalmente, liguei para o editor, expliquei, foi porque eu achava que não podia ser outra capa. Eu falei aqui, numa reunião que teve aqui, é quase um manifesto. Um caderno de livros está saindo com [aquela capa]. Porque eu

sabia que o título seria aquele da capa desde o princípio. É como se fosse um manifesto a favor do livro e justificando a existência do caderno, “não contem com o fim do livro”. Aqui está um caderno que não vai deixar o livro desaparecer (GAMA *apud* COSTA, 2011, em entrevista).

O suplemento, dentro de seu padrão, contaria sempre com oito páginas, em formato standard, nas suas edições semanais o que, no entanto, não se confirmou na prática, pois, ao longo de sua breve trajetória de três anos, houve uma variação constante entre 6 e 8 páginas, devido muito ao volume de matérias realizadas durante cada semana. A respeito de sua diagramação, o suplemento segue um padrão jornalístico, com chamadas na capa, matérias com linha fina e capitulação. Conforme Karla Souza, a capa é normalmente composta por uma única imagem a ocupar toda a página, disposta logo abaixo do logotipo *Sabático* e, por vezes, seguida de publicidade. Ela traz também três chamadas de texto: uma grande e central, relativa à matéria principal; enquanto as demais, com textos mais breves, referem-se a dois outros conteúdos do exemplar em questão e geralmente estão localizadas mais ao pé da página.



No interior do suplemento são utilizadas imagens em formato quadrado e retangular, muitas delas em preto e branco, como nas capas. Em termos de ilustração, um recurso bastante utilizado é a caricatura, sempre assinada por Cássio Loredano. O uso do olho é também frequente na diagramação do conteúdo e, no *Sabático*, é inserido em uma caixa de texto de cor amarela. O *Sabático* possui outras marcas estéticas Além das letras manuscritas em marca d'água no fundo de imagens; das capitulares também em fonte manuscrita e da caligrafia de Euclides da Cunha no logotipo. Todos os nomes de seções do *Sabático*, possuem mesma fonte e cor, sendo envoltos por um retângulo amarelo, justamente para fazer uma composição harmônica das páginas aliada ao olho amarelo das matérias.

Baseado nos preceitos com os quais o suplemento se lançou ao mercado em 2010, percebemos que alguns aspectos não foram cumpridos ou foram deixados de lado muito rapidamente. Juliana Costa ressalta principalmente uma mudança no que diz respeito ao estilo e localização de notas e outras seções do suplemento, além das colaborações para as ilustrações e as mesmas feitas pelos profissionais do jornal.

Em matéria publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* na semana anterior ao lançamento do *Sabático*, destacava-se que o novo suplemento teria um “projeto gráfico arrojado, que inclui tipografias e cores selecionadas especialmente” (Vida&, *O Estado de S.Paulo*, 07 mar. 2010, p. A26), e que suas páginas seriam ornamentadas com “pequenas notas, ilustrações e frases recortadas do universo cultural” (*idem*). Essa foi outra característica de estilo abandonada cedo pelo Suplemento, que apenas publicou essas notas e frases em suas primeiras edições. Essa publicação foi encerrada assim que um anúncio fixo começou a circular na página 2. Os rodapés com frases, informações e imagens do universo da cultura erudita apareciam nas páginas 2 e/ou 3 (COSTA, 2011, p.374).

Ainda na mesma matéria, que anunciava o nascimento do *Sabático*, afirmava-se que o suplemento teria artistas plásticos convidados para fazer ilustrações (em similaridade ao *Suplemento Literário*). Isso não se concretizou, pois os únicos ilustradores que aparecem com frequência no suplemento já são colaboradores do jornal, a saber: Loredano, Baptistão, Carlinhos Müller e Marcos Müller (COSTA, 2011, p.374)

Logo na página 2 do suplemento, em sua metade superior, ocupando metade da página se localiza a coluna *Prosa de Sábado*, assinada pelos colunistas Silvano Santiago e Sérgio Augusto. Eles abordam os mais variados assuntos sobre o universo cultural e relacionando-os com algum livro que está sendo lançado e obtendo destaque atualmente (COSTA, 2011). Também no espaço encontramos uma combinação de

imagens realizadas por Carlinhos Muller, da Agência Estado, que as insere sempre a respeito do tema proposto pelos colunistas em cada edição. Como ressalta Gama, esse trabalho de Muller tanto é feito de uma imaginação previa somente conhecendo o tema, como após fazer a leitura da coluna:

Em geral é quase sempre o mesmo ilustrador, e ele prefere fazer lendo o texto, mas eu mando no início da semana. O Silvano [Santiago] já manda a coluna na segunda-feira. O Sérgio [Augusto] que só manda o *briefing* sobre o que vai falar. Ele manda na quarta [o texto]. Mas assim, é uma coisa de ir buscando referências. Pensar, hum, vai falar sobre tal coisa, tal autor, “como é a cara desse autor?” Já vão se preparando (GAMA *apud* COSTA, 2011, em entrevista).

Na parte inferior da página, localizam-se as seções *Babel* e *Mais Vendidos*. A *Babel* é formada por 7 ou 8 pequenas notas sobre o setor editorial. De 2010 a boa parte de 2011, foi assinado por Raquel Cozer que, após sair da empresa e ir trabalhar no caderno *Ilustríssima*, da Folha de São Paulo, cedeu seu lugar para Maria Fernanda Rodrigues. O diretor Rinaldo Gama já preparava *Babel* para fazer parte do caderno *Cultura*, sendo seu nome uma alusão a um conto do escritor argentino Jorge Luis Borges, *A Biblioteca de Babel*, que continha uma infinidade de mundos dentro do local; e também lembra o caderno cultural do jornal *El país* da Espanha, intitulado *Babelia* (COSTA, 2011). O diferencial da seção são suas notas inéditas e exclusivas a respeito do mundo editorial, contando algumas vezes com a utilização de notícias retiradas de outros sites culturais pelo planeta. Gama afirma que estas notícias exclusivas são um diferencial atrativo a mais para o público ler o *Sabático*:

A seção da página 2, a “Babel”, é uma seção de notas exclusivas. O que saiu na “Babel” não saiu em nenhum lugar antes. Essa é outra maneira de você, veículo impresso, se fazer merecedor da leitura no dia seguinte, ou na semana seguinte. É você não falar o que as pessoas já sabem. Parece natural. Então, você tem uma seção de notas com notas que são exclusivas. Você tem reportagens que partem, muitas vezes podem até partir de algum assunto da semana, a gente deu uma capa sobre a produção muito grande de livros no Brasil, que se baseava numa pesquisa que havia sido anunciada na terça-feira. Só que a nossa matéria aprofundava essa discussão sobre o que significa estar produzindo muitos livros. Então, você pode vencer o tempo curto de sobrevivência da informação por meio desses dois modos: ou analisando, opinando, criticando, ou fazendo da informação algo exclusivo, ou seja, a pessoa vai ler ali pela primeira vez. É o que a gente está tentando fazer. (GAMA *apud* COSTA, 2011, em entrevista).

A jornalista responsável pelo início da trajetória de *Babel*, Raquel Cozer, fala a respeito das fontes que forneciam as informações para compor o espaço:

E aí tem duas formas de vir essa notícia. Uma, que é a mais fácil, é via assessoria de imprensa e que eu hesitava, na verdade, porque geralmente aí vira só mesmo uma propaganda. Mas, de qualquer maneira, se fosse um super lançamento, aquisição de direitos, uma coisa super importante, eu sempre dava. E a outra, que é conversando, indo a eventos, ou mesmo, por exemplo, eu estou fazendo uma reportagem sobre clássicos em quadrinhos. Aí, para isso, eu tenho que conversar com vários editores e autores. Aí no meio da reportagem surgia, o cara soltava alguma coisa, eu anotava. Aí depois eu perguntava para gerar como nota. Então, era ficar ligada o tempo todo (COZER apud COSTA, 2011, em entrevista) .

A seção *Mais vendidos*, sempre à direita de *Babel*, corresponde à lista dos livros ficcionais e não-ficcionais mais vendidos da semana no Brasil, baseado em números do Instituto de Pesquisa do Grupo Estado. Conforme Costa (2011), a seção fixa *Capa* é onde há a maior variação da publicação, sendo colocada algumas vezes na página 3, outras na 4 e até mesmo na página 5, se apresentando como reportagem, notícia, entrevista ou artigo de análise crítica. Os autores dos textos são sempre jornalistas, escritores ou colaboradores.

Os temas que permeiam a seção capa são: lançamento ou relançamento de obra; celebração do aniversário de autores ou obras; outros motivos atuais relacionados ao mercado editorial; a exclusividade de uma informação ou uma somatória de mais de um desses fatores. Rinaldo afirma que muitas matérias da capa surgem a partir de percepções dele sobre o mercado editorial, e que esse é o caminho mais difícil de conseguir temas (COSTA, 2011). Observa-se, assim, que esse seria um diferencial do *Sabático*, pois, de acordo com a fala do diretor, não é qualquer um que consegue traçar certas relações entre os fatos, é necessário ter um amplo entendimento sobre o mercado de livros para chegar a tais. A respeito da seleção de matérias para a capa, Gama destaca:

Às vezes tem a ver com uma combinação de fatores. O sujeito está lançando um livro, depois de X tempo, dará uma entrevista só para nós e vai participar de um evento. Aconteceu com o Ferreira Gullar, no ano passado, na Flip. Foi capa no dia em que ele falava na Flip. Ele estava lançando um livro, depois de 11 anos, se não me falha a memória, e só ia dar entrevista pra gente. E era o Ferreira Gullar. Às vezes são tendências, como as que falei, das editoras, como as editoras estão se preparando [para o lançamento de e-books], a superprodução de livros, os cyber poemas. Às vezes são percepções que eu tenho do que está acontecendo no mercado. Então, os livros sobre nazismo. Capa de duas semanas atrás. Essa semana, o romance. Você começa a perceber que está acontecendo alguma coisa, tem livros que conversam entre si. Esse livro do Henry James conversa com o livro do Unamuno, que por sua vez conversa com [outro autor]. Então tá todo mundo discutindo o romance. Opa, é pauta aqui. Eu posso ter essa percepção, ou algum dos colegas, e me sugerir. Em geral, como eu estou acompanhando tudo, é relativamente frequente que eu tenha esse olhar das coisas que podem ser complementares, conversarem entre si, e aí surgir a pauta em cima disso. (...) E isso é o mais

difícil, a tendência, essa terceira [via] é menos óbvia. Ela é menos óbvia. Não que as outras sejam óbvias, porque eu podia não conseguir o Naipaul, mas [essas] são menos visíveis. Alguém poderia ter pensado no Naipaul, ele tá lançando um livro, vou fazer uma entrevista com ele. Agora, o romance já é um pouco diferente, você precisa conhecer os livros para saber que eles conversam e em cima disso montar uma pauta (GAMA apud COSTA, 2011, em entrevista).

Raquel Cozer também colaborou com as matérias de capa do *Sabático*, seja indicando sugestões de matérias, ou então ela própria as realizando:

Às vezes quando chegava um livro que o Rinaldo achava interessante eu fazer, ele me passava, uma entrevista com o autor, alguma coisa assim. Uma coisa que foi uma iniciativa muito minha, foi dar ideias de reportagens ligadas ao mercado, foi uma ideia que eu comecei a sugerir e eles aceitaram e eu comecei a fazer. Tipo, o cenário da literatura infantil, ou aplicativos de livros etc. Foi uma coisa que eu ia, como eu fazia a “Babel”, eu ficava sabendo de umas histórias meio que eu achava que a coluna não tinha espaço suficiente para explorar, e eu conversava com o Rinaldo. E o Rinaldo era sempre muito aberto a sugestões. E eu fazia umas matérias grandes ali. (COZER apud COSTA, 2011, em entrevista)

A seção *Resenhas* publica resenhas analíticas de livros, sendo literários ou não, preferencialmente publicações recentes, embora possam haver abordagens de livros que não estejam com lançamento na semana. De acordo com Cláudia Nina (2007), o tempo de envelhecimento de um livro fica a critério do editor, sem que haja, necessariamente, um prazo de validade estampado na capa de cada obra” (NINA apud COSTA, 2011, p. 366). Os autores dos textos são, na maioria, acadêmicos ou jornalistas do *Estado*. Há também escritores e especialistas escrevendo. Raramente apareciam traduções de resenhas publicadas em veículos internacionais (COSTA, 2011). No *Sabático*, estavam presentes, em cada edição, entre 1 e 5 resenhas. Para o diretor, a seleção de autores das resenhas obedece a alguns critérios. Em primeiro lugar, Gama procura buscar as pessoas mais habilitadas para falar sobre aquele livro ou autor:

Eu tento encontrar no mínimo uma das duas ou três pessoas que melhor poderiam discorrer sobre aquele assunto, sobre aquele autor, no país. Não haverá ninguém mais habilitado, ou se houver, estará na mesma estatura, ou muito próximo, da pessoa que eu tiver escolhido para fazer aquela resenha. Seja em literatura italiana, alguém que tenha uma contribuição muito importante em literatura italiana, ou russa, ou espanhola, ou brasileira e assim por diante. Esse é um critério (GAMA apud COSTA, 2011, em entrevista).

Assim como *Resenhas*, a seção *Estante* também traz os principais lançamentos da semana sem, entretanto, haver qualquer tipo de análise crítica, mas apenas a

exposição direta dos livros, como se estivessem na estante de uma livraria. Do mesmo modo como as resenhas são sempre acompanhadas de informações técnicas sobre o livro, *Estante* mostra essas mesmas informações (imagem da capa; título; autor; editora; número de páginas e preço), acompanhadas por uma breve sinopse da obra (COSTA, 2011). Em geral, são apresentadas 8 obras, e quase sempre há obras importadas, ou seja, não traduzidas para o português.

3.2.5 Outros aspectos do Sabático

A primeira edição do suplemento *Sabático*, em 13 de março de 2010, teve como tema principal uma entrevista realizada por Ubirajara Brasil com o filósofo e escritor Umberto Eco, a respeito de seu livro *Não contem com o fim do livro*, inclusive sendo essa a própria manchete do suplemento (SOUZA, 2012). Após um parágrafo descrevendo resumidamente um perfil de Eco, a temática principal é diretamente abordada em um único fragmento: “A conclusão é óbvia: tal qual a roda, o livro é uma invenção consolidada, a ponto de as revoluções tecnológicas, anunciadas ou temidas, não terem como detê-lo”, escreve Brasil, que conclui: “Qualquer dúvida é sanada ao se visitar o recanto milanês de Eco, como fez o Estado [...]”.

A partir deste ponto, o que fica expresso nessa matéria que ocupou toda a página 4 e mais um trecho da página 5 é o referendo de um cânone literário, no caso Eco, em que a sua nova obra em si acaba ficando num plano secundário, servindo como um gancho, e os conhecimentos e experiência do autor são usados para consolidar o pensamento do jornalista e do suplemento, que apesar de todos os progressos tecnológicos, o livro continuará com suas força e representatividade, por meio do valor destes grandes personagens da literatura, que dispensam muitas apresentações. Nesse sentido, Brasil encerra seu texto abordando outras questões a respeito de Eco, ressaltando mais o lado pessoal do escritor e, na tentativa de não ser repetitivo, recorre às particularidades do seu encontro para conferir a sua matéria texto um caráter de novidade (SOUZA, 2012).

Outro valor bem presente no *Sabático* é a inovação. Conforme Karla Souza, a matéria de Antonio Carlos Filho veiculada no dia 20 de março de 2010, *Vidas, modos de usar*, aborda novas perspectivas acerca da produção de biografias, um tema recorrente no momento. É sob o ponto de vista da movimentação do mercado editorial

que o jornalista vai apresentar, primeiramente, a nova forma biográfica, “que bem poderia se chamar “biovatar”, considerando as semelhanças que movem um autor a assumir e a falar em nome do biografado”, define Filho (SOUZA,2012). Lê-se no segundo parágrafo:

Claude Arnaud, profissional que escreveu sobre a vida de vários autores (de Proust a Camus, passando por Faulkner), costuma dizer que esse crescente interesse do mundo editorial fez com que ficasse clara a distinção entre o historiador e o biógrafo: o último seria capaz de “invadir a personalidade alheia”. Tanto que uma nova forma biográfica está ganhando força junto aos escritores [...].

O que o texto ressalta, na sequência, é o caráter híbrido que tem dado contorno ao gênero à medida que seus autores têm oscilado entre o histórico e o ficcional, pois haveria “dificuldades de restituir a complexidade da vida real de um autor numa simples biografia” (SOUZA, 2012). Para Souza, o que se faz perceber aqui é que o possível debate da relação entre as transformações das biografias e o mercado é logo abandonado. A reportagem não problematiza, embora insinue, o modo como demandas mercadológicas têm interferido no processo de produção deste gênero literário.

Um valor também relevante na análise do Sabático é a intersecção entre o tradicional e contemporâneo; neste caso, representado por uma matéria sobre o artista gaúcho Iberê Camargo, o criador do “realismo grotesco”, situado entre o antigo e o moderno, em três textos. No principal deles, “Pinceladas metafísicas, em busca do ser e da memória”, evidencia-se a relação do artista com o passado. Em foto do pintor em seu ateliê, a legenda sintetiza o seu trabalho: “modernidade com a releitura da tradição”, lê-se (SOUZA, 2012).

A relação entre modernidade e tradição ganha mais destaque pela fala de uma das entrevistadas pela reportagem. Para Vera Beatriz Siqueira, autora de *Iberê Camargo: Origem e Destino* – um dos livros cujo lançamento é o mote da capa – a questão trata-se de um dos principais problemas enfrentados pelo gaúcho: “o de erguer uma linguagem moderna a partir da experiência renovada do passado” (SOUZA,2012).

Para Karla Souza, é importante destacar o trecho no qual é abordado o momento em que o artista deixa de ser seguidor e passa a ser seguido, numa ilustração do movimento do campo artístico: “Os carretéis, que surgem em 1958, ainda morandianos, constituem o marco zero de sua transformação de discípulo em mestre”.

4 ANÁLISE DO SABÁTICO

A identificação dos valores-notícias presentes em um jornal, caderno ou suplemento se torna uma ação imprescindível para se compreender o perfil de um veículo, haja vista que os textos são uma forma concreta de perceber estes critérios. Antes disso, porém, é necessário embasarmos nossa pesquisa trabalhando conceitos já consolidados sobre o que são os valores-notícia de seleção dentro do campo jornalístico, para que saibamos diferenciá-los e entenda suas características principais para aplicá-los corretamente em nossos trabalhos.

4.1 Valores-notícia

Dentro do campo jornalístico, alguns conceitos são definidos para se sistematizar o que pode ou não vir a ser um fato que possa ser transformado em notícia, os chamados valores-notícias. O autor português Nelson Traquina (2005) define alguns deles:

Morte: Principal valor notícia do jornalismo segundo Traquina (2005), pois onde há mortes, estão os principais fatos ocorrendo como terremotos, enchentes, incêndios, etc. e, por consequência, os jornalistas estarão lá para cobrir estes fatos relacionados a este tema, o que reforça a imagem de “só” abordar notícias negativas que a área possui. Conforme Sara Keller (2012), baseada em Lorenzo Gomis, a morte se trataria de um certo tipo de aparição, no qual o jornalista resgata os fatos e ações de determinado sujeito morto e, a partir deste gancho, se constrói uma narrativa com sua trajetória de vida. Keller completa que esta ação é mais relevante se o envolvido é uma pessoa muito conhecida do grande público e que tenha deixado algum legado.

Notoriedade: item que se refere à relevância de um sujeito ou de uma coletividade em ação. A celebridade ou a importância hierárquica dos indivíduos envolvidos no acontecimento tem valor como notícia. Conforme Sara Keller (2012), a lógica do jornalismo indica que muitas vezes só pelo fato de a pessoa que está envolvida em uma ação possuir grande reconhecimento, isso já a faz passível de virar notícia, independente do que ela faça ser relevante ou não.

Proximidade: importância que um fato têm devido a sua relação estreita com o público, seja do ponto de vista geográfico e/ou cultural. Baseado em Keller (2012), a proximidade local ou nacional deve aproximar a publicação aos seus leitores, criando

um aspecto de pertencimento neles. No caso do *Sabático*, que se propõe a uma proximidade mais nacional pela posição de São Paulo como centro financeiro e cultural no país.

Relevância: termo que compreende aos acontecimentos que, no entendimento do jornalista, tenham mais importância para o público.

Novidade: fator essencial da prática jornalística, pois como essa atividade lida bastante com o tempo presente, é fundamental que sempre se renovem as notícias para que os leitores sintam-se instigados a acompanhar determinado fato.

Tempo: pode estar associado a três situações. A primeira no que diz ao presente, noticiando fatos que possam servir como gancho para outros acontecimentos; num segundo momento por conta das efemérides, do passado, ao lembrar datas importantes que ocorrem em determinado dia; e um terceiro ponto seria a questão de continuidade, ou seja, após uma notícia ser relatada, pode ocorrer outros desdobramentos sobre o fato nos dias seguinte sem, necessariamente, ter a mesma intensidade e espaço na cobertura.

Notabilidade: algo que possa ser visível e passível de ser noticiado, como uma interrupção de estrada, greve de trabalhadores, etc. Possui algumas variáveis como o número de pessoas que participam de determinado fato, ou pela inversão da lógica de fatos como “homem morder cachorro; ou o insólito, fatos inusitados que estão fora dessa realidade comum. Também fazem parte desse critério a falha e a escassez ou o excesso.

Inesperado: acontecimento que rompe as barreiras da normalidade de tal forma que mobiliza toda uma cobertura em prol de determinado assunto, como a queda das torres gêmeas ou o tsunami no Japão.

Conflito: diz respeito a uma violência física ou simbólica, como uma troca de acusações entre políticos, guerras, etc.

Infração: refere-se à transgressão das regras e das leis, simbolizado pelos crimes, tomando maior ou menor repercussão de acordo com as circunstâncias em que ocorrem esses fatos.

Escândalo: casos de cunho principalmente político ou econômico que surgem de furos de reportagem promovidos por um ou outro veículo.

(acrescentar)

4.2 Os valores-notícia no *Sabático*

Em nosso objeto de estudo, o *Sabático*, escolhemos realizar uma análise de suas últimas dez matérias de capa, datadas entre 16 de fevereiro de 2013 e 20 de abril de 2013, dia em que circulou a sua última edição. A partir dos valores-notícia apontados nesse trabalho de conclusão e que basearam-se nos conceitos elaborados por Nelson Traquina (2005), identificamos principalmente sete elementos dentro deste nosso *corpus* de análise. Isto não significa, necessariamente, que foram sempre estes os valores-notícia presentes durante os três anos de existência do suplemento, mas sim um recorte no nosso universo de análise que nos permitiu um bom embasamento para fazermos esses apontamentos.

Nas matérias analisadas, os temas que mais aparecem na publicação são “notoriedade” e “relevância”, constando em 90% das matérias referidas, além do tempo, presente em 80% dos textos, por vezes em mais de um trecho. No caso do valor tempo, há um equilíbrio entre as variáveis presente, passado e futuro. As matérias voltadas especificamente para o atual representam 30% dos textos, o mesmo percentual aborda o passado. Os outros 40% das matérias referem-se ao tempo com passagens combinadas entre presente/futuro, com 30%, e futuro, com 10%.

Outros valores que alcançam boa expressão dentro do *Sabático* são os critérios notabilidade e novidade, aparecendo em 40% e 30% dos textos trabalhados, respectivamente. Há ainda outros critérios com menor grau de incidência que são inesperado, com 20%, e conflito ou polêmica e proximidade, somente 10%. A seguir vamos a uma análise direta de cada uma das matérias e seus respectivos valores.

Quanto à estruturação dessas reportagens, elas se dividem em duas partes de forma geral: há um primeiro momento, entre quatro à cinco parágrafos, em que os repórteres do *Sabático* escrevem sobre o assunto a ser destacado de cada edição. Apresentam os entrevistados envolvidos no tema, ou para falar sobre um determinado livro, ou para relatar memórias e informações sobre um determinado autor já falecido.

Num segundo momento, existe uma sequência intercalada de perguntas e respostas com determinado entrevistado. Há também, normalmente na página 5 do suplemento, uma resenha mais analítica sobre um determinado livro. Uma das exceções é a reportagem com a jornalista Katherine Boo, que analisaremos a seguir, matéria que ocupa boa parte da página quatro e uma coluna da página cinco, sendo complementada por resenhas que abordam outros livros-reportagem. A seguir, então, vamos a uma análise direta de cada uma das matérias e seus respectivos valores.

4.2.1 – Matéria sobre Paulo Leminski (16/2/2013)

O tema dessa matéria diz respeito ao lançamento de uma coletânea com todas as poesias escritas por Leminski intitulada *Toda poesia*. Além de serem abordados os traços poéticos e as características literárias do autor, também serve como um gancho para abordar sua vida. Nela, ganha ênfase sua relevância na literatura brasileira pela indefinição quanto a uma classificação em relação a sua obra, se seria erudita ou popular. Também há referências curiosas quanto a seus pais serem um polonês e uma negra brasileira, além de sua adoração por autores que realizam o haicai japonês, uma espécie de poesia concreta daquele país que teria semelhança com as produzidas pelos irmãos Campos em sua arte concretista; sendo que foi Haroldo de Campos quem descobriu o então judoca Paulo Leminski para o meio literário.

Um dos primeiros valores apresentados na matéria escrita por Antonio Carlos Filho é o de relevância, referindo-se que os textos produzidos por Leminski foram gravados e utilizados como música por referências da música popular brasileira como Caetano Veloso e Arnaldo Antunes:

Caetano foi um deles. O cantor e compositor baiano acabou gravando *Verdura*, abrindo um novo mercado para o poeta curitibano, que viria a ser parceiro de Arnaldo Antunes e outros músicos. O professor de literatura e compositor José Miguel Wesnik diz, no posfácio de *Toda poesia*, que Leminski “sonhava também com a cadência espaiada do refrão em massa”, encontrando em Antunes “a sua perfeita tradução isto é, a correspondente aliança da poesia e do livro – marginal e de vanguarda, informal e formalista – com a linguagem da canção pop”.

Outro trecho que representa fielmente esse valor é quando as características poéticas de Leminski são abordadas por Ricardo Corona, ressaltando a importância que ele possuiu por atuar em várias áreas e transcender conceitos sobre poesia:

O fato é que Leminski atuou em várias áreas e inovou nos modos de fazer a poesia transcender seus âmbitos previsíveis. Dessas hibridizações, a menos estudada é da relação corpo e poesia e, curiosamente, talvez seja, a faceta mais instigante deste poeta que não à toa leitor-tradutor de Sol e Aço, ensaio poético em que Yukio Mishima apresenta sua reflexão sobre corpo e paladar, gesto e escrita.

Pegando esse gancho do último trecho, o poeta tinha uma profunda admiração pelas doutrinas taoístas e outras vertentes orientais, que contribuíram na sua obra e as quais encaixamos no valor de notoriedade, por meio da afirmação das suas referências e influências:

Morto pouco antes de completar 45 anos, de cirrose hepática, Leminski sempre preferiu escrever poemas breves, especializando-se no haicai, forma poética surgida no século 16 e intimamente ligada ao taoísmo e à filosofia espiritualista dos mestres zen-budistas. Forma concisa de poesia, o haicai também se adaptava perfeitamente às publicações alternativas dos anos 1970, artesanais e típicas da contracultura, movimento do qual participou Leminski sem, contudo, manter contato com poetas marginais, embora sempre evocasse o nome do tropicalista Torquato Neto como referência.

Na questão de tempo presente, Ricardo Corona fala especificamente sobre o livro *Toda Poesia*, coletânea que reúne os principais trabalhos de Leminski, afirmando que é uma oportunidade dessa obra se autodefender, na medida que o autor fora chamado de piadista, desacreditado, e não muito valorizado pela sua capacidade no seu período de trabalho:

Toda Poesia (Companhia das Letras) de Paulo Leminski abrange os livros publicados até agora, mais uma seção dedicada aos esparsos. Reunir toda poesia de um autor como Leminski é um esforço que repercute de muitas maneiras. Mais do que uma sacada editorial, é a justa possibilidade da obra poética se autodefender. Há autores em que suas obras sempre correrão o "risco Rimbaud", uma espécie de santificação da personalidade que pode chegar antes da efetiva leitura de sua poesia. Por isso, são incompreensíveis os motivos da demora de quase três décadas desta publicação. É questão de disponibilizar toda a poesia ao leitor paralelamente à produção crítica, que normalmente começa a se avolumar vertiginosamente após a morte de um poeta, especialmente deste poeta.

Baseando-se no critério tempo passado, identificamos um trecho que conta como o jovem paranaense de Curitiba foi descoberto para a literatura e sua primeira obra *Clics* em Curitiba (1976):

Descoberto pelo poeta Haroldo de Campos em 1963, na Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, em Belo Horizonte, Leminski era, então, um judoca de 19 anos que escrevia "versos homéricos", segundo o concretista. Seriam necessários mais 13 anos para que seu primeiro livro aparecesse, *Quarenta*

Clics em Curitiba (1976), que reúne uma pequena parte de sua produção poética inicial ao lado de fotos de Jack Pires.

Finalizando nossos estudos sobre este texto do *Sabático* sobre Leminski, analiso com valor de relevância o trecho que fala de uma das obras mais marcantes do autor, conforme o texto: *Catatau*, uma ficção de 1975. João César Castro cita as renomadas referências e influências do poeta, bem como sua ironia e bom humor ao satirizar um personagem conhecido das ciências exatas e filosofia: René Descartes:

Em 1975, Leminski lançou *Catatau*(edição do autor), um dos pontos altos de sua obra; prosa experimental em diálogo com James Joyce e Haroldo de Campos, entre muitos outros. Discurso do método de ponta-cabeça, Renatus Cartesius, vale dizer, René Descartes, é trazido para o Nordeste brasileiro pelo Conde Mauricio de Nassau. Num solilóquio em que palavra puxa palavra, a alta voltagem da prosa poética expõe o curto-circuito das coordenadas cartesianas nos trópicos: "Se fosse uma cobra já tinha te amordaçado! Vê se não era. Antes não eram. Vê se não erra. Agora é que são elas. Vê, senão erra!".

4.2.2 *Matéria que trata a respeito do futuro das bibliotecas (23/2/2013)*

Assinada por Maria Fernanda Rodrigues, o texto coloca em discussão o futuro das tradicionais bibliotecas, em um mundo onde há cada vez mais os livros eletrônicos, realizando também uma entrevista com o presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Galeno Amorim.

Logo no início, é ressaltado que enquanto no Reino Unido o debate sobre o fim das bibliotecas devido à consolidação do e-book é dominante, no Brasil a questão é o déficit de bibliotecas no país, que não estão presentes em todos os municípios e muito menos na maioria das escolas. Nós classificamos o texto como de proximidade nacional por tratar-se de uma questão brasileira, relevante dentro da importância que é abordar esse tema e o impacto que ele tem na sociedade no que diz respeito ao contexto da educação no país e também notável, por tratar-se de um tipo de escassez que é a falta de bibliotecas:

Aqui, a briga é para zerar o déficit de bibliotecas. De acordo com o Censo Nacional de Bibliotecas Municipais, de 2010, 20% das cidades não contam sequer com uma sala de leitura. O dado é ainda mais preocupante nas escolas públicas. O Censo Escolar mostrou que 72,5% ficam devendo esse espaço para seus alunos – existe uma lei que determina que até 2020 essa questão seja resolvida. Outro desafio é a conquista de novos leitores. Segundo a

pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, 75% dos brasileiros jamais pisaram numa biblioteca. O mesmo levantamento mostrou que 20% dos entrevistados frequentariam uma, se houvesse livros novos. Mas nada convenceria 33% a fazer isso.

A seguir, é apresentada uma iniciativa que visa democratizar o acesso aos livros didáticos e técnicos num primeiro momento, para quem sabe futuramente atingir os de cunho literário: trata-se da biblioteca universitária virtual, presente em três instituições brasileiras. Dentro da classificação, consideramos novidade por ser uma inovação apresentada dentro dessa área de bibliotecas, e relevante pela importância que tudo relativo à educação possui.

Isso ainda está distante das bibliotecas de obras gerais – algumas oferecerem livros em domínio público para download, mas isso é simples. É, porém, realidade para estudantes da FMU (SP), Universidade de Passo Fundo (RS) e Cândido Mendes (RJ), entre outras, que usam o serviço da Minha Biblioteca, uma plataforma criada por editoras concorrentes, mas que se uniram para desbravar esse mundo novo.

Participam do consórcio quatro das cinco maiores do segmento CTP (Científico, Técnico e Profissional): Saraiva, Atlas, Grupo A e Grupo Gen. São 4 mil títulos e 2 modelos de negócios. No primeiro, a instituição de ensino paga à Minha Biblioteca um valor mensal por aluno para que eles possam ler, quando quiserem e ao mesmo tempo, todos os títulos do acervo. No segundo, disponível a partir de abril, a universidade escolhe quais títulos e quantos exemplares deseja adquirir. Se optar por cinco exemplares de determinado *e-book*, por exemplo, apenas cinco alunos poderão emprestá-lo simultaneamente, tal qual acontece com o livro físico.

Outro aspecto na matéria é o fato de que estas bibliotecas virtuais atenderiam melhor às pessoas com necessidades especiais, já que apenas 9% das instituições contam com esses serviços. Classificamos como relevante e novidade pelos mesmos motivos do trecho anterior:

Quem também se beneficia de bibliotecas virtuais são as pessoas com deficiência, já que apenas 9% das bibliotecas do país têm livros acessíveis a elas. “Nossas quase mil teleaulas já estão em libras e o próximo passo é adotar o formato Daisy para livros”, conta o diretor da Nuvem de Livros. Adotado pelo MEC, o Daisy é um modelo internacional em que o livro vem em CD com duas funcionalidades principais: a visualização em diferentes tamanhos e a narração do texto. “A popularização do *e-book* beneficia pessoas cegas e com baixa visão”, comenta Susi Maluf, gerente-geral da Fundação Dorina Nowill.

Finalizando a nossa análise sobre essa reportagem, referimos um trecho da entrevista da repórter com o presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Galeno

Amorim, na qual ele faz um resumo do que é a biblioteca hoje e faz um prognóstico do seu futuro daqui a 10 anos, sendo, por conta disso, enquadrada no tempo presente/futuro nos apontamentos que fizemos, além de se enquadrar na questão de notoriedade pela fala de um presidente de órgão público:

A guardiã do conhecimento e da cultura letrada do Brasil é a definição clássica da vocação principal da Biblioteca Nacional. Com mais de 9 milhões de peças e obras raras, ela atrai a atenção de pesquisadores de várias partes do mundo. Essa essência tem que ser preservada e ampliada. Um dos meios mais importantes para preservar e dar mais acesso a esse rico acervo é a digitalização. [...] A tendência é seguir um caminho parecido com o que foi feito por outras bibliotecas nacionais do mundo e ter mais um prédio da BN. Também estamos trazendo para a BN a responsabilidade de ajudar a protagonizar um debate mundial sobre como as bibliotecas podem dispor ao público esse conhecimento acumulado pela humanidade, por causa de restrições ultrapassadas de direito autoral.

4.2.3 Entrevista com o escritor e tradutor Paul Auster

Nessa matéria, de Antonio Gonçalves Filho, é realizada com o escritor e tradutor Paul Auster uma entrevista de perguntas e respostas a respeito do livro a ser lançado aqui no Brasil, *Todos os poemas*, um compilado das melhores prosas e poesias do autor. Antes disso, há dois parágrafos de apresentação a respeito da carreira de Auster.

Num primeiro momento, o repórter trata de fazer um primeiro contato entre a carreira de Auster e o leitor, relatando os principais fatos da trajetória do americano, tendo os aspectos de novidade e notoriedade destacados nessa análise e baseados em passagens referidas no texto:

A poesia do escritor norte-americano Paul Auster é pouco ou nada conhecida entre seus leitores brasileiros. Traduzida por Caetano W. Galindo, ela foi reunida em *Todos os Poemas*, que chegou às livrarias ontem. O livro, organizado de forma cronológica, cobre o período entre 1970 e 1979 - época em que o romancista integrava um grupo de estudos sobre poesia contemporânea francesa. Acompanhado de uma esclarecedora introdução do cientista político Norman Finkelstein, *Todos os Poemas* é, a exemplo de muitos dos livros de Auster, autobiográfico por natureza, evocando desde a infância do escritor em New Jersey até sua juventude em Paris, quando, aos 25 anos, ao acompanhar a eleição presidencial na embaixada americana, testemunhou a vitória de Nixon, em 1972, e escreveu um dos seus mais raivosos poemas.

Na sequência, Auster fala de um momento transitivo em sua carreira, quando deixa de fazer poesias e passa a fazer prosa, tratando-se de uma notoriedade:

Essa é uma questão complicada. Quando jovem, escrevia centenas de páginas de prosa, mas nunca ficava satisfeito. Minha ambição era escrever romances, não poesia, projetos ambiciosos, complexos, muito além da minha capacidade. Ficava frustrado com essa minha inabilidade e, aos 22 anos, resolvi me concentrar na poesia, a tal ponto que ela virou obsessão. Veio um momento difícil e, repentinamente, parei de escrever. Quando retomei, já estava escrevendo prosa. Foi uma evolução lenta, natural.

Num trecho escrito por Dirce Waltrick do Amarante, há também uma ressalva com relação à outra profissão de Auster: a fotografia. Dirce, então, relata as colaborações que este trabalho trouxeram como influência para ele, se caracterizando como novidade por tratar-se de mostrar outro lado do autor:

Certa vez Paul Auster afirmou que "poesia é como tirar fotografias, enquanto prosa é como rodar um filme". O fotógrafo e o cineasta convivem na obra desse escritor, mais conhecido pelos seus livros de ficção, como os bem-sucedidos *O Livro das Ilusões* e *A Música do Acaso*, do que pela sua poesia. Nos poemas de Auster, as imagens são verdadeiros enigmas que ele "imobiliza" diante de nossos olhos. Seus versos fotográficos não "ilustram" o texto, mas cada um é, como disse Roland Barthes ao se referir à poesia japonesa, a origem de uma espécie de vacilação visual, análoga, talvez, à perda de sentido.

Ao final da entrevista, ele projeta a produção e o lançamento de seu próximo livro, caracterizando-se como o tempo presente/futuro, uma das características do jornalismo cultural, marcado pela velocidade e projeção de fatos pré-agendados, como forma de já programar os eventos que vão merecer cobertura num momento próximo:

Ele é uma sequência de meu livro mais recente, *Winter Journal*. Chama-se *Report from the Interior* e sai em novembro. *Winter Journal* é basicamente sobre o envelhecimento e a questão do corpo. Este é sobre o espírito, o desenvolvimento moral e intelectual de um jovem

4.2.4 *Matéria sobre livro reportagem da realidade de Mumbai*

Nessa reportagem de Lúcia Guimarães, é feita uma entrevista com a jornalista Katherine Boo a respeito de seu livro-reportagem, *Em busca de um final feliz*. Para elaborar a obra, a repórter passou três anos de sua vida na cidade de Mumbai, na Índia, composta por muitas favelas. A jornalista faz questão de deixar claro que não é uma publicação tendenciosa e que são abordados os lados bons e ruins da sociedade naquele local. O livro foi lançado ano passado nos EUA e este ano no Brasil.

Logo em seu início, Guimarães faz uma apresentação da carreira de Boo ao público, citando sua trajetória de carreira e também suas muitas premiações conquistadas, inclusive por este livro referido. Por esses dados, classificamos este trecho como novidade, pelo livro a ser lançado aqui e também porque apresenta uma autora de certo modo desconhecida para o público brasileiro e de notabilidade, pois é uma profissional reconhecida várias vezes por seus trabalhos competentes:

Katherine Boo é autora de um extraordinário livro-reportagem que acompanha o leitor muito além da última página. Ela cresceu em Washington, onde começou a vida de repórter, e ganhou, em 2000, um Prêmio Pulitzer cobrindo a situação deplorável das residências públicas para doentes mentais. [...]No ano passado, Boo conquistou o maior prêmio literário americano, o National Book Award, por *Em Busca de Um Final Feliz*,[..]

A seguir, é descrito resumidamente o enredo do livro, ressaltando algumas características da escrita e também do local, encaixando-se no tempo presente pelo fato de que livro foi lançado em 2013 e também pela relevância pelo trabalho realizado, já que foi feito um esforço árduo e lhe proporcionou muitas honrarias:

Resultado de sua convivência com a comunidade da favela de Annawadi, de 3 mil habitantes, cercada de hotéis de luxo e próxima ao aeroporto de Mumbai. Afluência e miséria - vizinhas, mas não simplificadas pela autora. Os habitantes se revelam como personagens de um romance, mas Boo faz questão de reafirmar, no fim do livro, que é tudo verdade. Abdul, o adolescente catador de lixo; Fatima, a mulher aleijada e promíscua; Manju, que quer ser a primeira moradora de Annawadi com diploma universitário. Tratada, nas primeiras semanas, como um animal exótico e intimidada pela polícia, esta descendente de suecos que tropeçava e caía na poça do esgoto enquanto filmava, foi se misturando aos moradores de Annawadi. E emergiu, três anos depois, com sua narrativa sem nunca ofender a humanidade dos que vivem a rotina abjeta, na sombra da globalização.

Em uma das respostas sobre o seu papel dentro da narrativa, Katherine Boo fez uma observação que o mais importante não é sua presença física, relatando os acontecimentos, mas sim o fato de os personagens serem o foco da história e do contexto em que estão inseridos. Por conta disso, classificamos essa passagem com valor de relevância, pois trata-se de demonstrar um dos princípios básicos da profissão: o repórter não deve aparecer mais que os fatos.

Essa é uma questão essencial do meu trabalho. Ao longo dos anos, editores me pediram "precisamos que você possa se inserir no livro, que seja mediadora para o leitor e que nos ajude a formar opinião sobre essas pessoas, sejam os catadores de lixo, os professores ou estudantes". Eu tenho uma firme convicção de que, se me meter no meio, vou obstruir a visão que o leitor terá, por exemplo, de como pensa Abdul, o catador de lixo. Quando estou descrevendo o Abdul transportando o lixo em seu pequeno caminhão

de três rodas, quero que o leitor pense no Abdul e o caminhão e não eu sentada ali [...]. O que eu sinto não tem a menor importância, só o que sente o Abdul.

Dentro dessa perspectiva de relevância, também encontramos uma resposta de Boo sobre ter lançado o livro ao mesmo instante na Índia e nos Estados Unidos, para que qualquer informação mal colocada fosse desmentida por quem estava sendo o foco de discussão, além de prestar um serviço para expor as dificuldades de quem vive nas favelas fosse mais notada pelas elites de Bombaim.

Não sabia como seria recebido. Estava realmente assustada. No fim, o livro teve uma recepção calorosa. Isso vai fazer diferença? Veremos. Mas fiz questão de que o livro saísse ao mesmo tempo na Índia e nos Estados Unidos. Porque, se alguém fosse começar a espalhar que publiquei falsidades, queria que tudo fosse logo exposto. Mas sinto que o livro possa ter aberto os olhos de parte da elite que podia não saber da vida nas favelas, a não ser através de suas empregadas domésticas e motoristas.

4.2.5 Matéria sobre vida e obra de Paulo Mendes Campos

Nessa reportagem, de Sergio Augusto, são abordadas a vida e obra de Paulo Mendes, poeta e escritor mineiro dos anos 1920, conhecido por ser um sujeito mais introspectivo e não muito conhecido pelo grande público.

No início, é feita uma ênfase na notoriedade de Campos, contando suas origens e um pouco daquele período da literatura brasileira.

Paulo Mendes Campos era o mais velho dos legendários "vintanistas" mineiros. Três meses mais velho que Otto Lara Resende, quase dois anos mais que Fernando Sabino e Hélio Pellegrino; todos nascidos no início da década de 20 do século passado, na aurora do Modernismo; todos na faixa dos 20 quando Mario de Andrade, autor do epíteto, com eles fez amizade em Belo Horizonte. Era o poeta do grupo, um inseparável quarteto apelidado por Otto de "os quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse", que nem a diáspora para o Rio de Janeiro, quando a Segunda Guerra Mundial chegou ao fim, conseguiu dispersar. Ao contrário, na então capital do país a amizade entre os quatro ficou ainda mais sólida, com o acréscimo ao grupo de mais um cavaleiro, o capixaba Rubem Braga, de quem Fernando e Paulo se tornariam sócios na pioneira Editora do Autor, em 1960.

A seguir, temos um recorte que representa a relevância da obra de Paulo na literatura:

"Tinha todas as virtudes dos melhores comentaristas do cotidiano", ressaltou Flávio Pinheiro, dedicado leitor (e organizador) da prosa de Paulo, para em seguida enumerá-las: "O olhar perspicaz para descobrir o sabor oculto nas miudezas e circunstâncias da vida, humor e ironia refinados e uma destreza para lidar com as palavras decantada em invenção poética". Mesmo em vida usufruiu bem menos fama que o (comparativamente mercurial) Fernando e o badalado Otto (causeur sem igual, centro das atenções em qualquer salão, fixação e até personagem de Nelson Rodrigues), mais por culpa de seu temperamento que da têmpera de seus escritos, de resto tão prodigamente distribuídos na imprensa quanto os de seus companheiros.

Em mais um trecho de tempo passado, é descrito o momento em que Paulo passou a escrever livros e poesias, em que logo já se percebia os traços do perfil do autor:

Quando, na adolescência, resolveu fazer-se escritor, comprou três cadernos. Num deles copiou poemas sobre a morte; noutra anotou todos os trechos que lhe pareciam pertinentes ao problema do tempo; no terceiro, verso e prosa que se referissem à solidão. Já estava encaminhado. Contrabalançando sua índole plúmbea, um senso de humor espontâneo e matreiro [...]. Outra prova de sua intimidade com a matéria é uma antologia do humor brasileiro que organizou na década de 1960. Mais ou menos na mesma época, inventou um colunista social dos morros cariocas, Teodoro Enguiço, uma espécie de Ibrahim Sued da favela empenhado em promover as proezas de Rosinha Boca de Fogo, Marlene Fofoca, Santinha Turcão e outras VIPs da classe C.

4.2.6 *Entrevista com John B. Thompson sobre transformações no mercado editorial*

Nesse espaço, a reportagem do *Sabático* entrevistou o filósofo e professor da universidade de Cambridge, na Inglaterra, John B. Thompson, a respeito de seu livro *Mercadores da Cultura* e também para fazer uma panorama das transformações ocorridas no mercado editorial mundial e também brasileiro.

O texto apresenta as referências de Thompson como um indivíduo importante dentro da construção de pensamento sobre o tema abordado e também faz uma contextualização do assunto. Dentro dessa perspectiva, se encaixa na notoriedade, na relevância e também no tempo futuro, por relatar sobre livro a ser lançado neste ano:

Poucos se dedicam a estudar a evolução do mercado editorial, e essa indústria que se ocupa de empacotar todo o conhecimento produzido no mundo volta-se raramente à sua própria história, o que dificulta ainda mais o entendimento do presente e exercícios de futurologia. Com o livro *Mercadores de Cultura - O Mercado Editorial no Século XXI*, cuja segunda edição, revista e ampliada, foi lançada no ano passado no mercado internacional e chega no fim de abril ao Brasil pela Unesp, John B. Thompson - professor de sociologia de Cambridge e há mais de dez anos pesquisador das mudanças estruturais da cadeia do livro - tenta preencher essa lacuna.

Na sequência, o autor da reportagem situa o modo como foi realizada essa publicação, entrando na classificação de relevância por ressaltar o contexto em que esse mercado editorial está atualmente:

Entre 2005 e 2009, ele mergulhou na realidade editorial dos Estados Unidos e o Reino Unido, conversou com cerca de 280 executivos, publishers, diretores comerciais de pequenas editoras e de grandes corporações. Desenhou, então, o atual mapa do negócio do livro, que assim poderia ser resumido: grandes redes de livrarias destruindo as lojas de bairro, grandes corporações, quase sempre pertencentes a grupos de mídia, se apoderando de editoras independentes, e todos, incluindo os que já dominaram o mercado, amedrontados pela Amazon. Claro, passando ainda pelo crescente poder dos agentes literários, a batalha pelos best-sellers e a revolução digital.

4.2.7 Matéria a respeito de biógrafos e biografias (30.03.2013)

Essa reportagem, com autoria de Lucia Guimarães, trata da questão de biógrafos e biografias, abordando a criação, nos Estados Unidos, de um Centro de Estudos sobre biografias, para trabalhar e estudá-las como um gênero literário, além de uma entrevista com Blake Bailey, autor de três biografias.

Hermione Lee, biógrafa da célebre personagem feminina Virginia Woolf, contou que ela tinha dúvidas sobre a real importância da biografia, sendo classificada por nós como relativa ao tempo presente, notoriedade por envolver Virginia Woolf:

Virginia Woolf, lembra Lee, tinha tanto fascínio quanto desconfiança da biografia, que ela chamava de life-writing (escrita da vida). A biografia se consolidou como gênero literário no século 19, mas Hermione Lee resiste à expressão “arte da biografia” porque, segundo ela, sugere um autor colocando sua preocupação artística à frente da vida do biografado. “A biografia está morta? Tenho ouvido essa pergunta”, diz ela. “Mas, para mim, o que quer dizer é que a biografia está em evolução. E considero a biografia literária uma grande oportunidade para experimentação.”

A seguir, é referido um dos trechos em que é colocado algumas questões relativas aos debates que surgem sempre que o tema biografias vem à tona. Dentro da análise, está no valor de presente futuro e relevância.

Uma das escritoras que mais despertam ciúmes sobre sua narrativa biográfica é Jane Austen e Hermione Lee conta que conhece um episódio em que um autor tentou impedir outro de continuar escrevendo sobre Austen. Hermione Lee admite a fraqueza: “Tenho de ser passional e sentir necessidade de contar a história”, mas apenas quando o trabalho está em curso. “Depois da

publicação, eu consigo me desprender”, revela. Ela lembra que o sentimento de posse aflige todos os envolvidos com o biografado.

4.2.8 Entrevista com o cientista Steven Pinker sobre o seu livro *Os Anjos bons da natureza* (6.04.2013)

Nessa matéria, de Antônio Gonçalves Filho, é realizada uma entrevista com o cientista canadense Steven Pinker, para abordar o livro *Os anjos bons da natureza*, de sua autoria. Nele, Pinker faz afirmações polêmicas sobre como a violência está em declínio no mundo e não em ascensão, como está consolidado no senso comum da sociedade, além de debater questões relativas a democracias e regimes políticos.

Nos primeiros trechos da matéria, é feito um parágrafo indicando toda a notoriedade e notabilidade do entrevistado, ressaltando a avaliação sobre ele feita pela revista americana *Time* e, dessa forma, legitimando-o para falar sobre o assunto:

Definido pelo inglês Ian McEwan, o autor de *Desejo e Reparação*, como "um desses cientistas extraordinários que sabem atrair a atenção dos leigos", Pinker foi considerado pela revista *Time* uma das 100 pessoas mais influentes do mundo. Não sem razão. Seus livros, sempre volumosos, com mais de 500 páginas - entre os quais se destacam *Como a Mente Funciona* e *Do Que É Feito o Pensamento* -, entraram invariavelmente nas listas de best-sellers, fazendo de Pinker um cientista tão popular como Carl Sagan ou Oliver Sacks.

Em uma crítica sobre o livro feita por Paulo Sergio Pinheiro, presidente da Comissão Nacional da Verdade, ele resume em dois parágrafos a importância e relevância para se entender o panorama da violência em nível global:

Talvez não tenha havido, na infinidade de estudos desde o século 19 que tentaram dar conta do tema, um esforço tão monumental de entendê-lo em todas as suas manifestações como *Os Anjos Bons da Nossa Natureza - Por Que a Violência Diminuiu*, de Steven Pinker, professor de psicologia da Universidade Harvard, quanto mais não fora pela extensão do texto: 802 páginas na edição em inglês, 1.048 em português.

Seu foco abrange desde a pré-história humana até o século 21, mas a ênfase está nos séculos 19 e 20, com um formidável aparato de pesquisas nas mais diversas ciências humanas, não prevalecendo, apesar da profunda expertise de Pinker na área, a psicologia. O estudo é magistralmente fundamentando em análises de história, antropologia, sociologia, ciência política e economia.

Na reportagem, há um valor que não está presente em nenhum outro texto pertencente ao nosso *corpus* de análise: conflito ou polêmica. Para Pinker, houve uma diminuição da violência numa comparação com os índices da Idade Média, muito pelas medidas de não agressão. Além disso, pode ser enquadrado como notabilidade, no sentido de inversão, por fazer um comentário que se contrapõe ao senso comum:

Um estudo publicado por duas cientistas sociais, Erica Chenoweth e Maria J. Stephan, *Why Civil Resistance Works (Por que a Resistência Civil Funciona, 2008)*, lido por Pinker, certamente teve um peso significativo na elaboração de seu 13.º livro, pois *Os Anjos Bons da Nossa Natureza* defende tese semelhante: a de que as campanhas de não violência têm obtido melhores resultados que as campanhas políticas bélicas, pois as primeiras tendem a ganhar legitimidade com maior rapidez.[...] As duas pesquisadoras estudaram dados históricos entre 1900 e 2006 para chegar a essa conclusão. Pinker usa igualmente dezenas de gráficos e estatísticas para provar que a taxa de sucesso de movimentos pacifistas é bem maior que a dos bélicos (75% ante 25%).

Pinker não afirma, é claro, que a violência foi extinta do planeta. Diz, isto sim, que a evolução do comércio, da educação em massa e o respeito às leis fizeram do século 20 um tempo menos violento que a Idade Média, em que direitos individuais eram ignorados e reinava a linguagem do terror, usada pelo fundamentalismo religioso.

Dentro do trecho de perguntas e respostas da matéria, Pinker faz algumas projeções que as tecnologias deveriam ser mais controladas para inibir um aumento da violência, especialmente no caso de bullying. E também com relação aos reflexos que os movimentos de revolução nos países muçulmanos podem levar a conquista de direitos humanos por parte de mulheres e também minorias étnicas. Essas são passagens que classificamos como valor de presente/futuro:

Não vejo como a tecnologia possa facilitar o bullying. Há 20 anos um molestar podia espancar e insultar uma criança. Agora, se está usando o computador, ele pode apenas insultar. Como é que piorou? Acho que restringir a tecnologia armamentista, como a nuclear, é lícito. Porém, é ilógico falar em estabelecer um limite para a tecnologia.

Certamente, as formas radicais do Islã estão interferindo na implementação dos direitos humanos nos países de maioria muçulmana. É impossível dizer quando o progresso vai chegar às nações islâmicas, mas não considero irrealista imaginar que haverá melhorias nas próximas três décadas, graças à globalização e à mídia eletrônica. Os países islâmicos foram os últimos a abolir a escravidão [...] mas resistiram quanto puderam à ideia. A Primavera Árabe trouxe as primeiras democracias ao mundo árabe. As pesquisas de opinião revelam uma enorme demanda pelos direitos das mulheres, mesmo nos mais repressivos países islâmicos. Duvido que eles consigam continuar vivendo na Idade Média para sempre.

4.2.9 Matéria sobre os 90 anos de Lygia Fagundes Telles (13/4/2013)

Como o próprio já sugere, nessa edição do *Sabático* foi realizada uma entrevista especial de Ubiratan Brasil com a escritora Lygia Fagundes Telles, em decorrência da celebração de seus 90 anos de idade, exaltando sua importância para a literatura brasileira e tratando-a como uma “testemunha literária”. O texto contou um pouco da vida e obra da autora, além de passagens curiosas como uma visita à China de Mao Tsé-Tung nos anos 60, sua formação como advogada na faculdade de Direito de São Paulo e suas amizades com Clarice Lispector, Monteiro Lobato, além de um capítulo marcante com a obra *As meninas*.

No início da matéria, se apresenta a escritora com uma série de adjetivos referentes a depoimentos de vários personagens representativos da literatura brasileira, colocando-a no patamar de um cânone da área no Brasil, e entrando na classificação de valores-notícia, ao mesmo tempo, como uma efeméride e também no critérios relevância e notoriedade:

Para João Ubaldo Ribeiro, é a grande dama da literatura brasileira. Milton Hatoum destaca a magnitude e a perenidade dos contos de Antes do Baile Verde e Seminário dos Ratos, livros publicados nos anos 1970. Já Ignácio de Loyola Brandão garante não "existir, na literatura brasileira, uma pessoa mais adorável". Próxima dos 90 anos (completa na sexta-feira, dia 19), a escritora Lygia Fagundes Telles é praticamente uma unanimidade. Autora de uma obra de estilo elegante, ecos machadianos e um permanente estado de espírito que permite manipular a escrita com firmeza e serenidade, Lygia sempre oferece ao leitor a oportunidade de pensar sobre suas existências.

Na sequência, essa entrevista é segmentada em tópicos em que a autora fala de passagens da sua vida, principalmente de suas amizades e contatos com referências no nosso país, como a também escritora e amiga íntima Clarice Lispector, trecho no qual encaixamos na categoria notoriedade:

Era uma grande amiga, além de excepcional escritora. Sempre me dizia: "Liginha, não sorria nas fotos. Ninguém leva a sério mulher que aparece sorrindo na fotografia!". Também era ótima companhia em viagens. Certa vez, em Cali, na Colômbia, abandonamos os debates para ficar no bar, bebendo champanhe (ela) e vinho tinto, enquanto ríamos gostosamente e ela pedia a minha opinião sobre quem era mais indiscreto nas suas traições, o homem ou a mulher. Aliás, na viagem de ida, quando o avião balançava muito e eu estava preocupada, Clarice se voltou para mim e disse: "Não tenha medo porque o avião não vai cair. Minha cartomante disse que eu morreria deitada, portanto, fique tranquila". Esse misticismo era contagiante.

Como um trecho referente ao inesperado, já que no período o que imperava no Brasil era o anticomunismo e qualquer visita à China seja por um político, como Jango, ou por outras pessoas conhecidas, não era vista com bons olhos, a escritora Lygia Telles aborda um lado mais político histórico de sua trajetória: uma visita, nos anos 1960, à China e um encontro com o político e filósofo Mao Tsé-Tung:

Era um homem atarracado, com os olhos muito puxados e uma expressão quase imutável. Em nossa visita à China (éramos vários escritores), nos presenteou com um livro de poemas, escritor por ele mesmo, em chinês e francês. Os versos até que eram bons.

Ainda neste valor, temos a passagem pelo ano de 1973, data em que Telles lançou a obra *As meninas*, um dos marcos da autora por problematizar muitos dos conflitos pelo qual a sociedade passava nos anos da ditadura e no período de transição entre o governo Médici e o governo Geisel. A escritora ficou angustiada pelo passar do tempo sem obter uma resposta da censura se o livro entraria em circulação, e o apoio de seu segundo marido, Paulo Emílio Salles Gomes, foi fundamental neste episódio. No início da matéria, o escritor amazonense Milton Hatoum fez uma síntese da publicação, ressaltando o seu grau de importância. Nesses parâmetros, consideramos isso um texto relativo ao tempo passado, pelo relato do tempo histórico, à relevância, pelo que significou esta obra na carreira de Lygia e na literatura brasileira, e ainda à notoriedade pela opinião de Hatoum sobre o livro:

“Livro até hoje muito lido nas escolas, pois reflete o impasse de jovens que viveram numa época obscura”, observa Milton Hatoum. “O destino das personagens é, de algum modo, o destino de uma geração movida por sonhos de liberdade sexual e política, ou por um desejo de ascensão social. É um romance que opera com o equilíbrio entre o psicológico, o social e o político. Sem dúvida, um dos melhores livros da autora.

Era época pesada da ditadura militar e eu me inspirei, entre outras coisas, num panfleto que detalhava a violência física sofrida por um preso político. Coloquei isso no meio da trama e fiquei apreensiva quando o livro foi enviado para a censura. Enquanto aguardava, nervosa, o veredicto, fui surpreendida pela chegada, alegre, de Paulo, em nosso apartamento. Ele trazia uma garrafa de vinho e estava muito disposto a comemorar. Logo explicou: aborrecido com uma história em que não acontecia nada, o censor só lera algumas páginas, não chegara àquele ponto da tortura e liberava a obra.

Referindo-se à relevância e notoriedade de Lygia Fagundes Telles, Ubitaran insere um trecho como se fosse um “manual de escrita”, onde ela cita características que uma pessoa deva ter para se tornar um bom escritor:

Para escrever, você precisa se dedicar de corpo e alma a seu personagem, a seu enredo e à sua ideia. É preciso que seja um ato de amor, uma doação absoluta, e é impossível sair do transe enquanto não dá a história por acabada, enquanto não decifra o humano. O detalhe é que o ser humano é indefinível. Por mais que tente, você não consegue defini-lo totalmente. O ser humano é inalcançável, inacessível e incontrolável, ele está sujeito a esses três 'Is'.

Na finalização de análises a respeito desse texto, constatamos que ocorre ainda trecho de tempo passado quando a escritora conta sua passagem pela Faculdade de Direito São Francisco, em São Paulo, escolha apoiada e incentivada pelo seu pai, que resultou futuramente num casamento com seu próprio professor:

Decidi ser advogada por causa do meu pai, Durval, que também se formou na São Francisco. Era um homem lindo, adorável, mas que tinha um grande pecado: era um jogador contumaz. [...] Quando íamos embora, derrotados, ele sempre dizia: "Hoje perdemos, mas amanhã a gente ganha". Eu o admirava muito. Mas não foi fácil estudar na São Francisco. Na minha turma, éramos apenas seis mulheres entre mais de cem homens. Todas virgens! Certa vez, um dos meus colegas me perguntou: 'O que vocês, mulheres, querem aqui na faculdade? Casar?' Respondi, de bate-pronto: 'Também!' Mal sabia ele que me casaria com um dos professores.

4.2.10 *Entrevista com Charles Cosac (20.4.2013)*

Nessa edição, os repórteres Antônio Gonçalves Filho e Maria Fernanda Rodrigues realizaram uma conversa com o editor Charles Cosac, um dos donos da editora *Cosac e Naify*, para abordar questões referentes ao momento da empresa, projetar seu futuro e ressaltar o seu lado pioneiro por conta de algumas ações na contramão do mercado, como publicar monografias de artista, como a de Tunga.

No parágrafo inicial, a matéria já faz um resgate dessa ação anti-fluxo de Cosac ao publicar monografia de um artista desconhecido, colocando a relevância e notoriedade do editor num primeiro plano, além de apontar algo de inesperado por colocar em evidência um autor desconhecido, embora não seja uma decisão tão imprevisível na lógica da arte, e também por notabilidade no sentido de inversão, por contrariar o senso comum na medida em que faz uma aposta mais na novidade que no best-seller:

Em junho de 1997, o mercado viu chegar às livrarias um volume inusual com mais de dez tipos de papel e duas centenas de ilustrações. Não era exatamente a espécie de livro de arte que circulava entre os leitores brasileiros. Compreensível. Nem o artista que assinava o livro Barroco de Lírios, Tunga, nem seu editor, Charles Cosac, eram tipos convencionais. Tunga, um dos

vetores da arte contemporânea brasileira, trabalha com chumbo e materiais corrosivos em suas obras. Charles está longe de ser um editor burocrático. Colecionador de arte, sua editora, criada para publicar livros da área, viria a se tornar uma referência ao lançar monografias de outros artistas contemporâneos, sozinha ou em parceria com instituições como a Bienal de São Paulo.

Partindo para as perguntas e respostas, com relação à situação financeira da editora, Cosac teve que pedir auxílio ao seu cunhado Michael Naify para tirar as dívidas da empresa. Com isso, ela não passou mais a somente editar livros de arte, incluindo títulos literários. Nesse sentido, Charles respondeu sobre como anda a situação financeira da empresa, trecho que classificamos como relevância pois aborda um pensamento sobre o mercado de livros no Brasil:

As coisas não estão maravilhosas, mas estão bem. Depois de quatro, cinco anos, me vi sozinho com a editora. Nesses anos todos, quando precisei principalmente de ajuda monetária, foi a Michael a quem recorri. Ele sempre foi solícito em nos atender.

Já nos trechos a seguir, os quais analisamos como de tempo presente/futuro, Charles Cosac aborda a questão de que o livro impresso mais elaborado e caprichado é uma ação para salvá-lo da extinção, sobre o interesse por e-books e também uma projeção da editora para os próximos dez anos:

Essas edições caprichadas sempre existiram, mas é indiscutível que com a digitalização o livro está se coisificando. As editoras têm de se esmerar – não para vender mais, mas para que o livro não morra. Quanto ao e-book, eu não tenho interesse nenhum no assunto, mas a editora está pensando nisso.

Quando abri, meu cunhado irmão me falava que eu devia saber onde iria querer estar em 2, 4, 5 anos e eu falava “Nossa Senhora!”. Quando eu tinha 5 anos, pensava 30 anos à frente. Aos 50, que é quase a minha idade, você pensa 10 minutos adiante. Mas como a editora não sou eu – são 80 pessoas comigo e um público leitor crescente –, tenho criado dispositivos para que ela coexista. Tenho uma mentalidade parlamentarista. A editora tem hoje uma diretoria, que se reúne a cada 15 dias. Os assuntos são discutidos, a ata é feita, metas são atribuídas e depois de 15 dias conversamos de novo. [...] Neste momento da editora, o que é muito gratificante para mim é ver meninos e meninas de 20, 25 anos bem mais preparados do que eu era. [...] A editora foi repensada e enxugada. Havia mais de 400 títulos comprados. Muitos deles foram reciclados; outros, vendidos ou devolvidos. A gente não apagou o passado. Tentamos reciclar o melhor dele para tentar ter uma frequência em arquitetura, literatura internacional, literatura contemporânea brasileira e estrangeira, artes visuais, ensaios.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção com este trabalho foi refletir a respeito dos valores-notícias que permeiam o suplemento *Sabático* do jornal *Estadão*, por meio da análise quantitativa e qualitativa de suas matérias de capa. Sendo assim, a questão preponderante que norteou nossa pesquisa foi definir quais são e como se manifestam os valores-notícia de seleção presentes nas matérias de capa das dez últimas edições do *Sabático*.

Após a análise, percebemos que um dos critérios mais presentes nesses textos de capa é o de notoriedade, seja pelo fato de exaltação de um indivíduo, pelo reconhecimento de um grande público, mas também por premiações que veio a receber na sua carreira como escritor, jornalista, poeta, etc. Faz parte de uma estratégia não só do *Sabático*, mas do jornalismo de forma em geral, centralizar as ações de um fato no indivíduo, de forma a criar um vínculo forte entre o personagem em evidência e o público, chamando esses leitores a comprarem o jornal e acompanharem as notícias referentes a ele. Conforme Golin e Cardoso (2010), tal critério é facilmente percebido na apresentação dos temas por meio dos criadores, uma clara centralidade na pessoa e na autoria, facilitando a identificação do público com o assunto tratado. Os autores complementam essa perspectiva afirmando que se torna difícil dissociar as obras de seus autores, uma espécie de legitimação, em novos moldes, da figura do demiurgo, do gênio romântico, processo esse inserido na produção e no consumo contemporâneo de celebridades.

A partir também dessa lógica de mercado, não podemos deixar de ressaltar que Travancas (2001) afirma que os suplementos culturais, apesar de em sua maioria serem deficitários, agregam prestígio e credibilidade às suas empresas. Por isso, essas publicações com pouco ou nenhum anúncios publicitários presentes, acabam por seu modelo, fidelizado leitores por meio da apresentação e, portanto, da vinculação a grandes nomes. Isso gera capital simbólico para os veículos de comunicação.

Ainda dentro da notoriedade, um conceito que se relaciona a esse panorama é o de personalização, sendo classificado por Traquina (2005) como valor-notícia de construção dentro da dinâmica de produção do jornalismo. A ausência dessa tendência à centrar as temáticas em algum sujeito poderiam tornar as publicações impessoais e sem atrativos para quem assiste, escuta e/ou lê. O autor reforça esse conceito de

personalização afirmando que quanto mais personalizado é o acontecimento mais possibilidades tem a notícia de ser notada, pois facilita a identificação do acontecimento em termos “negativo” ou “positivo”. O autor, mais tarde, ainda referiu a importância deste critério para o campo jornalístico, ressaltando que inúmeros estudos sobre o discurso jornalístico apontam para a importância da personalização como estratégia para agarrar o leitor porque as pessoas se interessam por outras pessoas.

Outro ponto de vista que ficou latente ao analisar as matérias do suplemento *Sabático* foi a questão do agendamento, característica inerente ao campo do jornalismo. Essa característica se deve, sobretudo, a uma tentativa de planejar as notícias a serem trabalhadas em cada edição de jornal e/ou caderno, de modo a pré-definir o tamanho de cada exemplar, espaços para anúncios, enfim, programar-se dentro de uma rotina de produção industrial. No suplemento, isso se manifesta por meio das matérias abordando livros de escritores internacionais que foram lançados no ano anterior em outro país, e nesta temporada têm sua divulgação no Brasil, como os casos de Katherine Boo e Steven Pinker.

Além disso, está presente a questão de celebração de alguma data comemorativa referente a um escritor ou escritora – efemérides e aniversários –, caso dos 90 anos de idade de Lygia Fagundes Telles, além de projeções de livros que vão ser lançados num futuro mas que já possuem as datas divulgadas. Além disso, é claro, há livros que estão sendo lançados na semana de publicação do suplemento, casos de John B. Thompson sobre o mercado editorial, a coletânea *Toda poesia*, de Leminski, todos esses casos inseridos na questão de tempo, seja no presente, no passado especialmente com as efemérides ou ganchos feitos sobre poetas do passado que tiveram suas obras relançadas no momento, ou então no futuro pelos eventos pré-definidos.

Nesse sentido, Golin e Cardoso (2010), fazem uma síntese dessa característica marcante da profissão, abordando a importância que essa dinâmica dos acontecimentos possui para a rotina jornalística, e apontando que a interpretação estética e a representação do sistema artístico-cultural se organizam com antecedência, configurando a expressão cultural como uma sequência linear de atividades.

Dentro das concepções de cultura trabalhadas segundo Cardoso (2009), como o acúmulo de saberes e viés pluralista, o *Sabático* se posiciona como uma publicação que

acaba não se limitando a temas da literatura por conta da publicação de notas, resenhas e matérias sobre livros, que tratem também sobre fotografia, filosofia, jornalismo e política. No entanto, é possível definir que um leitor médio do *Sabático* seria das classes média/alta, com foco nos setores A e B, pois os assuntos que ele aborda são mais restritos às concepções mais canônicas de arte, e acaba não abrindo para outros temas que também poderiam estar enquadrados no campo cultural.

Nesse contexto, Travancas (2001) lembra que pela organização empresarial do jornalismo, dividido em editoriais, muitas vezes essas segmentações estão fragmentadas fisicamente e acabam não se comunicando entre si; além disso, a autora complementa que se um livro é de uma grande personalidade ou de grande relevância para uma determinada editoria, é provável que esta obra seja trabalhada com uma matéria por essa editoria e não pelo suplemento cultural, pois campos como economia, política, são tratados como complementares, portanto, constituem a parte principal do jornal, enquanto as publicações culturais, embora tenham sua importância, são suplementos, anexos desses veículos principais.

Chegando à finalização das análises, podemos inferir que o *Sabático* cumpriu um papel importante no que diz respeito à valorização de espaços culturais dentro do jornalismo brasileiro, fazendo a defesa dos livros num país em que a leitura e a valorização ao estudo e à educação passam longe de ser prioridade. Também, o suplemento reafirmou a notoriedade de personagens marcantes da nossa cultura, como Lygia Fagundes Telles, Paulo Leminski, ao mesmo tempo que apresentou poetas que não tiveram o devido reconhecimento, como Paulo Sales Campos. Além disso, mostrou jornalistas, filósofos e poetas estrangeiros que tinham representatividade e trabalhos relevantes para a sociedade de modo a serem publicáveis. Nesse sentido, pelo papel que têm essas publicações, reafirma-se sua importância, mesmo em tempos de crise do jornalismo impresso.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: _____ et al (Org.). **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, p.13-59, 1996.

ASSIS, Francisco de. **Jornalismo cultural brasileiro: aspectos e tendências**. Disponível em www2.pucpr.br/reol/index.php/COMUNICACAO?dd1=2633&dd99... Acesso em 27/10/2013.

CARDOSO, EVERTON TERRES. **Enciclopédia para formar leitores – A cultura na gênese do Caderno de Sábado do Correio do Povo** (Porto Alegre, 1967- 1969). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2009.

COSTA, JULIANA MERES. **Sabático: Um novo tempo para leitura**(A retomada do *Suplemento Literário no Estado de São Paulo*).Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo. Mestrado em Divulgação Científica e Cultural, São Paulo, 2011.

DIMAS, Antonio. Um suplemento carnudo. In: **Continente Sul-Sur**. Porto Alegre, n.2, p.35-45, Nov.1996.

GOLIN, CIDA. Jornalismo Cultural: reflexão e prática. In: AZZOLINO, Adriana et al. **Sete propostas para o Jornalismo Cultural: reflexões e experiências**. São Paulo: Miró, 2009.

GOLIN, Cida; CARDOSO, Everton. Jornalismo e a representação do sistema de produção cultural: mediação e visibilidade. In: BOLAÑO, César; GOLIN, Cida; BRITTOS, Valério (Org.). **Economia da arte e da cultura**. São Paulo: Itaú Cultural, p. 184-203, 2010.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In:LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**, Vozes, Petrópolis, 2007.

HOHLFELDT, Antonio. Jornalismo Cultural: uma perspectiva. In: **Continente Sul-Sur**. Porto Alegre, n.2, p.57-64, Nov.1996.

KELLER, SARA. **Um mapa da vida cultural no Rio Grande do Sul: análise do caderno *Cultura, de Zero Hora***. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2009.

- LINDOSO, Felipe. **Rumos [do] Jornalismo Cultural**. São Paulo: Summus, 2007.
- LORENZOTTI, Elizabeth de Souza. **Do artístico ao Jornalístico**: vida e morte de um suplemento – Suplemento Literário de O Estado de São Paulo. 2002. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- LOYOLA, Maria Andréa. Bourdieu e a sociologia. In: **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro:EdUERJ, 2002. p.63-86.
- MENESES, Ulpiano. Os “usos culturais” da cultura. In:YÁZIGI, Eduardo et al. **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Ed. Hucitec,1996.
- MOGENDORFF, JANINE REGINA. **A cidade ofertada pelo jornalismo cultural**: Análise da coluna Seleção da semana do jornal O Estado de São Paulo. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2013.
- NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2007.
- PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2004.
- RIVERA, Jorge B. *El periodismo cultural*. Buenos Aires: Paidós, 1995.
- RUBIM, Linda. **Organização e Produção da Cultura**. Salvador: EDUFBA, 2005.
- SANT’ANNA, Affonso Romano. Paradigmas do jornalismo cultural no Brasil. In: DINES, Alberto (org.). **Espaços na mídia: história, cultura e esporte**. Brasília: Banco do Brasil, 2001. p. 36-49.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Jornalismo Impresso**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.
- SOUZA, Karla Beraldo de. **A tradição legitimada**: um estudo sobre o suplemento literário Sabático, do jornal O Estado de S. Paulo. 2012, 174f. Dissertação de Mestrado em comunicação. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Unesp, Bauru, 2012.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna:teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional, volume 2** / Nelson Traquina – Florianópolis: Insular, 2005.
- TRAVANCAS, ISABEL. **O Livro no Jornal - Os Suplementos Literários dos Jornais Franceses e Brasileiros nos anos 90**. São Paulo: Ateliê editorial, 2001.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ANEXOS

**Matérias de capa do suplemento Sabático publicadas entre 16 de fevereiro de 2013
(edição 150) e 20 de abril de 2013 (edição 159)**